

Ministério

Uma revista para pastores e obreiros

Novembro-Dezembro de 2000



O Rei está voltando



Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia Novembro-Dezembro de 2000

A R T I G O S

11 O DEUS QUE ESTÁ VINDO

A glória do retorno de Cristo suplantar a o modelo de todas as teofanias anteriormente testemunhadas.

14 O ADVENTO E A PLENITUDE DO TEMPO

O fato de que o juízo pré-advento já começou é o mais inequívoco sinal da proximidade da volta de Cristo.

21 O SIGNIFICADO DA SEGUNDA VINDA

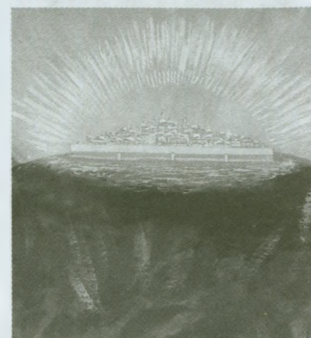
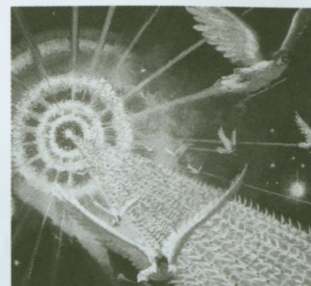
A volta de Jesus não é um dogma isolado, mas uma verdade vital que impulsiona a vida do crente.

24 A CERTEZA DO ENCONTRO COM JESUS

O segundo advento de Cristo será o encontro culminante de Deus com os santos de todos os tempos.

27 O TEMPO DE ANGÚSTIA

As tribulações anteriores à volta de Jesus são o prelúdio de um grande futuro de alegria inimaginável.



S E C Ç Õ E S

3 EDITORIAL

4 ENTREVISTA

7 AFAM

9 PONTO DE VISTA

18 IDÉIAS

30 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

31 LIVROS

Ano 71 – Número 06 – Nov./Dez. 2000
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos

Revisoras: Ildete Silva e Mercedes Campos

Editor de Arte: Wilson Almeida

Programador Visual: Jobson Santos

Colaboradores Especiais: Alejandro Bullón; Jonas Arrais

Colaboradores: Helder Roger C. Silva; Ivanaudo B. Oliveira; José S. Ferreira; Mário Valente; Montano Barros Neto

Capa: Antonio Rios

Diretor Geral: Wilson Sarli

Diretor Financeiro: Ednor Max Gruber

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site: <http://www.cpb.com.br>
Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br
Redação: redacao@cpb.com.br
Ministério na Internet: www.ministerio.rlv.com

Tiragem: 4.300 exemplares



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem prévia autorização escrita do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34, 18270-970 Tatui, SP



Divalópolis

Bendita esperança

Faltavam apenas cinco dias para a cerimônia de posse. John Fitzgerald Kennedy aguardava, na mansão de seu pai no interior da Flórida, o momento em que assumiria um dos mais poderosos cargos da Terra: presidente dos Estados Unidos da América. Diante das gigantescas responsabilidades que o aguardavam, poderia estar acompanhado de assessores e estadistas, a fim de dar os últimos retoques em seu plano de governo, ou de algum especialista na redação de discursos, talvez algum artista para que aliviasse as tensões. Escolheu, no entanto, outra companhia.

Caminhando ao seu lado em direção ao automóvel Lincoln, de cor bege que os esperava para levá-los ao Seminole Golf Course, estava um pastor. Em poucos minutos, encontravam-se lado a lado, na poltrona dianteira do veículo, duas dentre as mais carismáticas figuras mundiais. Com gesto reflexivo e com uma séria solicitude, John Kennedy virou-se, fitou Billy Graham, e comentou: "Billy, porque não me falas da segunda vinda de Jesus Cristo? Não sei muito a respeito desse assunto."

Enquanto o automóvel avançava lentamente por aquela estrada da Flórida, o evangelista pôde apresentar a seu amigo vários textos bíblicos que respondiam à indagação. Mas o jovem presidente, o primeiro católico a assumir o posto máximo da nação americana, tinha outra pergunta: "E o que a minha igreja ensina sobre a segunda vinda de Cristo?"

Não sei os detalhes da resposta de Billy Graham. Mas, 46 meses depois, o cardeal Cushing, diante de uma nação estatelada pela dor, frente às câmeras de televisão de um mundo perplexo e ao lado do esquife onde repousava o corpo do presidente assassinado, lia as palavras do apóstolo Paulo: "Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança. Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em Sua companhia, os que dormem. Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos Céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficar-

mos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras" (I Tess. 4:13-18).

Essa é a grande esperança que, através dos séculos tem acalentado o coração dos cristãos. É o sol que fulge no horizonte das expectativas cristãs, configurando uma alvorada que dissipa a longa noite do pecado e suas conseqüências. Amando essa bendita esperança, fiel ao propósito de mantê-la cada vez mais viva e de contribuir para que seja inteligentemente anunciada por vales e montanhas, caminhos e valados, cidades e vilas, *Ministério* faz dela o tema central da sua última edição neste milênio. Desprovido de sensacionalismo, sem malabarismos numéricos direcionados à marcação de datas para seu cumprimento. Mas crendo que o presente está cheio de significado divino e confiante no futuro, que pertence a Deus. Vivemos no limiar da eternidade.

Estamos no tempo de espera, aguardando o retorno de nosso Salvador Jesus Cristo. No Antigo Testamento, lemos que os filhos de Issacar eram "conhecedores da época" (I Crôn. 12:32). Jesus censurou os líderes religiosos de Seus dias porque eles não discerniam os sinais dos tempos (Mat. 16:1-3). E quanto a nós? Estamos atentos à marcha dos acontecimentos? Estão nossas prioridades de vida, trabalho e missão identificadas com a bendita esperança? São nossos ideais coerentes com a nossa pregação sobre a volta de Jesus?

É oportuno refletir sobre o conselho de Paulo: "Deixemos, pois, as obras das trevas, e revistamo-nos das armas da luz. Andemos dignamente, como em pleno dia..." (Rom. 13:12 e 13).

A propósito de ser esta a última edição do milênio, informamos que, a partir do próximo bimestre, *Ministério* trará mudanças, com o objetivo de lhe prestar melhor serviço. Para que algumas dessas mudanças funcionem bem, será necessária a sua participação, enviando cartas, e-mails, ou telefonando para opinar, sugerir, comentar alguma matéria publicada, etc. Seus artigos também serão bem-vindos. Lembre-se de mandar junto sua fotografia. Envie notícias de suas realizações evangelísticas, na igreja ou no seu Campo. Na medida do possível, tudo será aproveitado. – Zinaldo A. Santos ☆

Treinamento e integração

ZINALDO A. SANTOS

Na última assembléia mundial da Igreja Adventista, realizada em julho, na cidade de Toronto, Canadá, foi eleito um novo secretário ministerial associado para a Divisão Sul-Americana. Trata-se do Pastor Jonas Arrais, que esteve à frente da igreja central de Curitiba, PR, durante quase três anos.

Filho de um colportor que há 44 anos desempenha com fidelidade o seu trabalho, o Pastor Jonas recebeu sua educação fundamental e secundária em escolas adventistas, na cidade de Santos, SP, e no Instituto Adventista São Paulo, Iasp. A essas instituições, juntamente com a influência dos seus pais, ele atribui seu desenvolvimento na igreja bem como o fato de ser hoje um pastor. "Eu não seria o que sou hoje, se não fosse a influência da educação e de um lar cristão", ele assegura. Suas atividades ministeriais tiveram início em 1984, logo após concluir o curso teológico no Instituto Adventista de Ensino em São Paulo, como pastor distrital do Guarujá, no interior paulista. Posteriormente foi transferido para a região de Taboão da Serra, indo em seguida para a igreja central de Santo André. Após três anos, assumiu a igreja central de Porto Alegre, RS.



Pastor Jonas Arrais

Da capital gaúcha, na qual permaneceu mais três anos, dirigiu-se para os Estados Unidos onde cursou o mestrado e o doutorado em ministério, na Universidade Andrews, com ênfase em ministério pastoral. Concluída essa fase de estudos, retornou ao Brasil, assumindo o pastorado da igreja central curitibana.

O Pastor Arrais é casado há 18 anos com Raquel Queiroz da Costa Arrais, a quem descreve como tendo "uma visão muito ampla a respeito do que envolve o ministério pastoral", inclusive porque

também é filha de pastor. A Professora Raquel é formada em Pedagogia e Teologia, sendo esta última graduação obtida também na Universidade Andrews. "Ela tem sido o braço direito do meu ministério", diz o Pastor Jonas. O casal possui dois filhos: Tiago e André, estudantes do Instituto Adventista Paranaense.

Por ocasião de uma visita feita à Casa Publicadora Brasileira, o novo secretário ministerial associado da DSA partilhou com a revista *Ministério* seus planos de trabalho e suas idéias. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Ministério: *Quando e em que circunstâncias o senhor se sentiu chamado para ser um pastor?*

Pastor Jonas Arrais: A confirmação do chamado para o ministério pastoral foi um momento muito especial na minha vida. Quando eu estava concluindo o segundo grau no Instituto Adventista São Paulo, Iasp, o Pastor Joel Sarli, durante uma palestra dirigida aos alunos, enfatizou o que significava ser um pastor e como Deus chama jovens para esse trabalho. Até então, eu não havia tomado tal decisão, porque imaginava que quando Deus chamava alguém para o ministério, isso acontecia através de um sonho, um sinal especial, ou de alguma experiência ex-

traordinária na vida dessa pessoa. Durante a palestra o Pastor Joel Sarli destacou que ninguém precisava sentir algo assim. Acentuou que Deus poderia estar chamando jovens ao possibilitar-lhes uma educação cristã, preparando-os para servi-Lo. Foi então que compreendi que o Senhor tem diferentes meios de preparar e chamar alguém para o ministério pastoral. Naquela ocasião senti uma forte impressão do Espírito Santo me chamando, simplesmente porque eu era fruto de um lar cristão e de uma educação cristã. Foi assim que decidi fazer o curso de Teologia.

Ministério: *Além desse detalhe, houve algum outro líder cujo trabalho e estilo de vida lhe serviram de inspiração para a decisão tomada?*

Pastor Jonas: Sim. Houve o meu sogro, o Pastor Antenor Cruz. Ele foi um incentivo e uma inspiração através do seu exemplo de humildade e dedicação exclusiva às coisas de Deus. Sua vida pastoral sempre foi um estímulo para mim, desde a época em que eu era estudante e mesmo depois que me tornei pastor. Sem dúvida, ele trouxe muita contribuição na confirmação do meu chamado.

Ministério: *Que fatos o senhor destacaria como sendo marcantes, em seu ministério pastoral?*

Pastor Jonas: Gostaria de destacar três aspectos. O primeiro é o próprio desafio de pastorear grandes igrejas, desenvolvendo um trabalho personificado em todas as áreas, principalmente no atendimento aos membros. O segundo aspecto é a ênfase no treinamento da liderança da igreja e na conscientização de que cada membro possui um ministério que deve ser desenvolvido no contexto da igreja local, de acordo com os seus dons espirituais. Finalmente, ressalto uma constante preocupação em nutrir a congregação com boas mensagens, motivando-a ao compromisso e envolvimento com a missão da Igreja.

Ministério: *O senhor pastoreou grandes igrejas. Existe algum segredo, uma habilidade especial, para liderá-las com êxito e motivá-las ao envolvimento missionário?*

Pastor Jonas: Um dos segredos é lidar com o coração. Os membros precisam sentir que o pastor é um referencial em espiritualidade e em capacidade de liderança. Outros aspectos importantes são o treinamento e a delegação de responsabilidades aos membros, porque é impossível ao pastor

realizar todo o trabalho sozinho. Também acredito que a igreja precisa oferecer diferentes serviços e projetos missionários atraentes, que venham despertar o interesse e o comprometimento de seus membros.

Ministério: *Como o senhor realizava a visitação pastoral, considerando que membros de igrejas desse porte nem sempre estão facilmente disponíveis, em face de suas atividades profissionais e de seu estilo de vida?*

Pastor Jonas: Grandes congregações exigem diferentes métodos para atender aos membros em suas peculiaridades. O ideal é dividir as famílias por bairros ou regiões e dedicar um determinado dia da semana para visitá-las. Pode ser feito um agendamento prévio da visita, por telefone ou até mesmo através de um contato pessoal após o culto. Algumas vezes visitei irmãos em seu local de trabalho. O ponto negativo aqui é que nem sempre encontramos toda a família. Outra estratégia utilizada e que tem produzido um efeito positivo é o envio de cartas aos aniversariantes e orar com eles ao telefone. No entanto, eu entendo que nada deve substituir o contato pessoal.

Ministério: *O fato de não ter sido secretário de departamento em um Campo ou União representou para o senhor alguma preocupação ao ser nomeado secretário ministerial associado da Divisão?*

Pastor Jonas: A preocupação sempre surge quando somos colocados diante de um novo desafio. Mas ao ser chamado para a função que agora ocupo entendi que a Divisão Sul-Americana estava procurando alguém que falasse a língua da igreja local, que viesse da igreja e que estivesse ligado ao trabalho pastoral, trazendo assim um novo enfoque para a Associação Ministerial.

Ministério: *Independentemente disso, quão impactante foi esta nomeação para o senhor?*

Pastor Jonas: Fui para a assembleia da Associação Geral, em Toronto, como um visitante. Não fui delegado. Nunca imaginei, jamais sonhei ou pensei em vir para a Divisão exercer a função que hoje exerço. A nomeação foi uma surpresa muito grande; algo que mexeu com as minhas emoções e expôs minhas limitações. Mas acredito que quando Deus chama uma pessoa, Ele também a capacita para o trabalho a ser desenvolvido.

Ministério: *Quais serão as suas*

atividades específicas na Associação Ministerial?

Pastor Jonas: Nosso trabalho está diretamente ligado aos pastores, anciãos e suas respectivas esposas. E entre as metas que devem ser perseguidas, estão o incentivo à vida devocional do pastor e de sua família, treinamento evangelístico, organização e promoção de cursos de Educação Continuada, realização de cursos de treinamento para anciãos, produção da revista *Ministério*, promoção de seminários para aproximação com pastores de outras denominações e promoção do trabalho da Área Feminina da Associação Ministerial, Afam. Enfim, estaremos à disposição para ajudar os pastores e líderes voluntários das igrejas, na administração e execução dos trabalhos a eles confiados.

Ministério: *O setor de evangelismo também está sob sua responsabilidade?*

Pastor Jonas: Sim, porque uma das metas da Associação Ministerial é ensinar, promover e fazer evangelismo. Entendo que todos os departamentos da Igreja devem estar comprometidos com essa atividade.

Ministério: *Qual o lugar de importância do evangelismo público pastoral, feito nos moldes tradicionais, no programa de evangelismo integrado?*

Pastor Jonas: O evangelismo público tradicional será sempre um apoio e complemento ao evangelismo integrado. Em lugares ainda não evangelizados ou em outras circunstâncias ele desempenha um papel muito importante. É um estilo de evangelismo que quando é devidamente contextualizado tem o seu lugar de grande importância. Por outro lado, o evangelismo integrado trouxe uma nova concepção, produzindo uma nova dinâmica e nova mentalidade no contexto da atividade missionária da Igreja. Como resultado desse novo enfoque, mais pessoas estão dando estudos bíblicos. Mais batismos estão acontecendo. Também estão sendo observados maiores índices de conservação dos novos conversos. E a igreja local está experimentando uma nova motivação para o testemunho.

Ministério: *Qual a sua visão do ancião e seu trabalho na Igreja Adventista?*

Pastor Jonas: Particularmente, tenho profundo respeito e admiração pelo trabalho que os anciãos e demais líderes desenvolvem em suas respectivas congregações. Uma das razões é que, além de

suas atividades profissionais, eles ainda encontram tempo para se dedicarem ao serviço da igreja. No território da Divisão Sul-Americana, temos atualmente 1.761.524 membros; isso até o segundo trimestre deste ano. Esses irmãos estão congregados em 14.293 igrejas e grupos, e divididos em 1.648 distritos pastorais. Isso significa que quase 90% das nossas congregações funcionam sob os cuidados desses líderes voluntários, cada final de semana. Portanto, não seria errado dizer que a Igreja hoje caminha com os pés desses fiéis irmãos. Como não reconhecer a importância que eles representam para a Igreja? Por isso, através da Associação Ministerial, queremos apoiar e treinar esse exército de voluntários ao qual Deus tem usado poderosamente.

Ministério: *O que o senhor acha de estender ao ancião local a oportunidade de realizar batismos?*

Pastor Jonas: Quando é necessário, entendo ser essa uma boa idéia. Imagino que quando a chuva serôdia cair em profusão e milhares de conversões estiverem acontecendo num só dia, o número de pastores será insuficiente para batizar

tantas pessoas em diferentes lugares. O ancião está biblicamente qualificado para exercer a função pastoral, mas a Igreja segue certos critérios para o exercício dessa tarefa. O *Manual da Igreja* diz que o ancião pode oficializar uma cerimônia batismal debaixo de certas condições e de acordo com a liderança do Campo.

Ministério: *Quais são, a seu ver, os maiores perigos e desafios para o pastor hoje? Como ele pode superá-los?*

Pastor Jonas: Recordo-me da maneira como o meu pai expressava sua preocupação pela minha vida espiritual, quando eu era adolescente. Ele nunca me perguntava se eu estava experimentando drogas, indo ao cinema, dizendo palavras, consumindo bebidas alcoólicas, ou cometendo algum outro tipo de pecado. Sua pergunta sempre era: "Filho, como está a sua comunhão com Deus?" O que ele queria saber de mim com certeza seria revelado pela minha resposta. Qual o maior perigo que ameaça o pastor nos dias de hoje? Falta de comunhão com Deus. Por conseguinte, qual o grande desafio? Manter uma comunhão real e significativa com

o Senhor. Desses dois fatores depende o sucesso, ou o fracasso (caso essa comunhão seja negligenciada), de um pastor.

Ministério: *Gostaria de aproveitar a oportunidade desta entrevista e enviar uma mensagem ou fazer um apelo especial para os leitores?*

Pastor Jonas: Gostaria de compartilhar com os leitores da revista *Ministério* quatro importantes conceitos que muito me têm ajudado. O primeiro deles se refere ao desenvolvimento de uma profunda amizade com Deus. Essa é a chave para uma vida cristã vitoriosa. Em segundo lugar, eu diria a cada leitor, aceite o desafio de continuar crescendo; porque parar de aprender é parar de crescer. Terceiro conceito: cuide daquilo que é precioso aos olhos de Deus e Ele cuidará daquilo que é precioso aos seus olhos. Seja fiel ao seu chamado e à sua vocação. Finalmente, o quarto conceito: conserve a visão da eternidade. Se isso não acontecer, a vida não terá nenhum sentido. Espero que esses conceitos contribuam para que você possa fazer a diferença no trabalho que executa para Deus e Sua causa. ☆

Encontrar "aquela" frase de Ellen White em 30 segundos...

...agora é fácil!



Nos últimos 100 anos, a CASA já publicou mais de 50 livros de E. G. White, totalizando cerca de 20 mil páginas. Talvez você não tenha todos esses volumes à mão... Mas, com o novo CD-ROM "Obras de Ellen G. White", é quase certo que você vai localizar, com facilidade e rapidez, todas aquelas gemas preciosas do Espírito de Profecia.

Adquira já o seu!

Ligue grátis

**0800-552616
0800-990606**

para fazer seu pedido



Casa Publicadora Brasileira

Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP: 18270-970 - Tel.: (15) 250-8800 - Site: www.cpb.com.br

Bom pastor e bom marido

KAY KUZMA

Doutora em Educação, presidente do Family Matters, uma organização norte-americana dedicada ao fortalecimento da família, e escritora



Divulgação

Você gostaria que sua esposa se sentisse a pessoa mais especial do mundo, sem precisar gastar rios de dinheiro? Na verdade, ninguém pode fazer isso melhor do que você, o marido. Então coloque em prática as sugestões seguintes. Posso garantir que sua satisfação conjugal vai tornar a vida a dois mais reluzente que o mais puro ouro.

Sacrifique-se por ela. Esteja disposto a renunciar algo de que gosta ou que pretendia fazer a fim de satisfazê-la. Dê-lhe o maior pedaço do bolo, o último chocolate da caixa, as chaves do carro. Muitos homens dizem que sacrificariam a própria vida pelas respectivas esposas, mas não abrem mão do jogo de futebol com os amigos para caminhar com elas na praia. Você sacrificaria uma chamada telefônica no meio do almoço, se soubesse que sua esposa não gosta de ser perturbada desnecessariamente?

Ouç-a. Aceite o que ela diz. Olhe-a com interesse. Não a censure, desista da crítica mordaz. Olhe-a diretamente nos olhos. Dê-lhe o mesmo tipo de atenção que você dedica aos que lhe procuram no trabalho. Sua esposa necessita de seus ouvidos, não apenas do seu coração. Esteja disposto a ouvir durante o dia e não apenas às 23h55 quando seu cérebro já foi para a cama e seu corpo está querendo ir junto. Lembre-se de que quando sua esposa tem uma necessidade emocional, não precisa ouvir um sermão. Eu sei que você gosta de pregar, mas resista à tentativa de pregar para ela. Apenas ouça, e com muito interesse.

Toque-a. A maioria das mulheres apre-

cia o toque gentil do marido, em público e em casa. Segure as mãos dela. Coloque seus braços sobre seus ombros. Você não precisa dar um *show*; apenas permita que seu toque mostre aos outros que seu interesse primordial está centralizado em sua esposa. Se não está seguro de quanta afeição pública a deixa à vontade, pergunte-lhe. Se você não é o tipo romântico, terá de se esforçar para sê-lo. Comece segurando-lhe a mão quando estiverem orando juntos. Ao sentar-se, coloque seu braço sobre seus ombros e aperte-a para junto de si. Ser esposa de pastor é muitas vezes um emprego frio e pouco reconhecido. Ela necessita de afeto, de um marido carinhoso e isso é algo que você pode ser.

Esteja com ela em público. Não a deixe sozinha na multidão, para falar com pessoas de seu interesse. Estejam sempre juntos. Alguns pastores se ocupam tanto com seus paroquianos no sábado, que quase nunca percebem a presença da esposa. Claro, você é ocupado, mas isso não significa que não possa lhe fazer um pequeno afago e dizer-lhe que logo estará com ela de novo. Se ela não está com as crianças, por que não incluí-la nas discussões que está tendo? Ou por que não encontrar uma pessoa para ficar com as crianças a fim de que ela possa estar com você um pouco? Estabeleça que, sempre que for possível, vocês estarão juntos. Você vai ficar surpreso com os resultados.

Elogie-a em público. Jamais a critique. Nunca a humilhe. Enalteça-a sempre. Se você disser palavras amáveis sobre sua esposa, estará confirmando seu acerto em escolhê-la. E essas palavras poderão voltar,

partindo dela para você. O apoio mútuo do casal em público é tão importante quanto o apoio em particular de marido e mulher, no aconchego do lar.

Participe das suas responsabilidades. Pergunte-lhe em que pode ajudá-la. Surpreenda-a com sua preocupação. É fácil para o pastor estar tão acostumado a delegar responsabilidades que se esquece de que necessita fazer algum trabalho voluntário em casa, ou apoiar a esposa no desempenho dos seus interesses. Um conselheiro matrimonial disse que raramente ocorreria um divórcio se os casais aprendessem a dizer no início de cada dia: "O que você necessita que eu faça hoje por você?" Ou: "O que eu posso fazer para tornar seu dia feliz hoje?" Isso significa vez por outra arrumar a cama ou limpar o banheiro.

Deixe-a saber que você a admira. Diga-lhe o quão atraente, talentosa e amável ela é. Admire o seu corpo e sua personalidade. Quando foi a última vez que você piscou o olho para a sua esposa? Ou se acha muito velho para isso? Olhe a noiva de sua juventude e veja a sua beleza. Elogie algo que você realmente admira nela e verá que ela vai se tornar ainda mais bonita.

Respeite-a. Não está fora de moda abrir a porta ou carregar algo para a esposa. E ainda que isso fosse ultrapassado, as mulheres adoram homens à moda antiga. Se você realmente a respeita, vai telefonar para ela avisando que chegará mais tarde, não trabalhará todas as noites da semana, vai levá-la para sair, pelo menos uma vez por mês, e irá consultá-la antes de levar pessoas para casa. Fará tudo isso, e muito mais, sem constrangimento.

Seja um pai compreensivo. Existem muitas esposas de pastores que estão reclamando: "Por que ele sempre diz a coisa certa quando está atrás do púlpito e tem um lapso de memória quando está em casa? Se ele pudesse ouvir os próprios sermões seria um pai maravilhoso." Caso você descubra que não está sendo capaz de colocar em prática tudo o que prega, então está precisando de ajuda. Salvar seus filhos é sua primeira missão. Todo administrador tem de concordar com essa afirmação.

Não permita que conflitos com os filhos causem tensão em seu casamento. Não compensa. Busque conselho. E não se esquive disso com a desculpa de que não há conselheiros cristãos onde você mora, ou que parece estranho a um pastor procurar aconselhar-se. Nem é necessário que o conselheiro seja adventista para ajudá-lo. Existem muitos conselheiros excelentes, com ótima conduta moral fora dos círculos denominacionais. Deus pode até ajudá-lo a testemunhar para essa pessoa. Ele pode estar necessitando desse conselheiro em Sua obra, e a única forma de ele tomar conhecimento do evangelho é por seu intermédio.

Não tente argumentar que não pode procurar um conselheiro porque teme o

zer para ajudá-la a ser mais capaz de executar o potencial que Deus lhe deu? Por que não conversam sobre isso? Você se sentiu chamado para o ministério, frequentou um Seminário e hoje é pastor. É verdade que ela também está comprometida a estar a seu lado em todas as circunstâncias e a ser sua ajudadora. Mas Deus pode ter uma missão especial para ela, e assim poderá necessitar que você a compreenda e seja também seu ajudador.

Se sua esposa deseja voltar a estudar, ajude-a a formular um plano que lhe permita isso. Não use a desculpa da falta de dinheiro. Reorganize o orçamento doméstico. Se puderem economizar R\$ 10,00 por semana, no final de um ano terão R\$ 520,00 para começar a execu-

tar o projeto no outro. A satisfação no casamento tende a aumentar quando a esposa sente-se realizada na vida pessoal. Por que não abrir-lhe a porta da oportunidade?

Esteja a sós com ela.

Providencie alguém para ficar com os filhos e leve-a para uma pequena viagem romântica. Faça isso cada ano, e ajude-a a fazer as malas.

Seja o líder espiritual da família.

Numa pesquisa entre esposas de pastores, muitas delas indicaram ser a negligência espiritual no lar o maior erro dos maridos. Não permita que esse seja o seu caso. Aliás, isso não pode acontecer nunca. Afinal, você é um pastor. Receber um salário para pastorear um distrito não é garantia de sua espiritualidade.

Não se pode viver uma vida dupla e esperar manter vivo o amor da esposa. A aparência de bonzinho na igreja e atos negligentes em casa simplesmente não se harmonizam. Quem de fato é você? É tempo de corrigir suas atitudes em casa, se isso for necessário. Fazendo assim vai se tornar um verdadeiro líder espiritual em casa, e será ainda mais amado e respeitado por sua esposa.

Para que haja melhor qualidade de vida em seu lar e todos sejam felizes, Deus pode e está desejoso de fazer toda e qualquer transformação. Acredite nisso, pois essa é a mensagem que você prega. ☆



que dirão os colegas e os membros da igreja. Certamente vão considerá-lo mais por buscar a ajuda de que necessita. Simplesmente diga: "Não nasci pai e é muito importante que eu aprenda a ser um bom pai, a fim de que possa conduzir meus filhos pelo caminho que Deus deseja para eles. Estou buscando a ajuda necessária." Se for criticado por isso, não dê atenção. Os críticos aproveitam toda ocasião para fazer seu "trabalho".

Dê oportunidades à sua esposa.

Não pense simplesmente em sua carreira e no seu aperfeiçoamento pessoal. E quanto a ela? Não há nada que pode fa-

A Jerusalém que desce do Céu

ROSÂNGELA LIRA

Formada em Teologia, esposa de pastor, reside em Vitória, Associação Espírito-Santense, Brasil



Divulgação

No livro do Apocalipse, na tradução bíblica de João Ferreira de Almeida e segundo a edição Revista e Atualizada, está escrito: "Vi novo céu e nova Terra, pois o primeiro céu e a primeira Terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do Céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo" (Apoc. 21:1 e 2).

Esse texto é uma das mais lindas declarações que encontramos na Palavra de Deus, e fala de uma das mais doces esperanças do cristão. Entretanto, ela apresenta um problema que pode confundir alguns estudantes das Escrituras. Viu João, realmente, a cidade no momento em que ela estava descendo do Céu? Como adventistas do sétimo dia, nossa posição doutrinária é a de que, no tocante ao milênio e eventos a ele relacionados, devemos seguir a ordem cronológica delineada em Apocalipse 19, 20 e 21.

Assim, temos, como eventos que marcam o início do milênio, a volta de Jesus e a morte dos ímpios encontrados vivos nessa ocasião (19:11:21), a prisão de Satanás (20:1 e 2) e a primeira ressurreição (vs. 4-6). Durante o milênio, os ímpios mortos permanecem nos sepulcros (v. 5), Satanás continua preso (v. 2), os santos julgam e reinam com Cristo, no Céu (v. 4).

No final do milênio, os ímpios ressuscitam (v. 5), Satanás é solto de sua prisão e sai a enganar as nações (vs. 7 e 8). A Nova Jerusalém já terá descido do Céu, pois os santos estão dentro dela e os ímpios tentam atacá-la (v. 9). Porém desce fogo do Céu e os consome, episódio este que é descrito também como o lago de fogo (vs. 9 e 10). Entretanto, antes que os ímpios sejam consumidos, enfrentam o

juízo, detalhado nos versos 11-15 de Apocalipse 20.

O impasse

Após o lago de fogo vem a descrição, em Apocalipse 21, do novo céu e da nova Terra. E aqui tem início o problema de interpretação relacionado com a descida da nova Jerusalém. Depois de João ter visto o novo céu e a nova Terra, o texto declara que o apóstolo vê descer a cidade santa. Ora, se essa cidade desce depois de terem sido criados o novo céu e a nova Terra, como pode ter descido antes do lago de fogo e ter sofrido um ataque por parte dos ímpios?

Não faz muito tempo, ao discutir o assunto do milênio com alguém que defende uma posição doutrinária diferente, fiquei pensando em como iria apresentá-lhe esse ponto referente à Nova Jerusalém. Voltei-me então para o idioma grego, em que o verso foi escrito originalmente, a fim de verificar se a tradução em apreço é realmente a mais correta ou se existe margem para outra interpretação. Devo dizer que o assunto também foi submetido à avaliação de vários professores do idioma grego.

Análise do texto

A questão fundamental é a seguinte: João viu a cidade justamente no momento em que ela estava descendo? A expressão grega usada em Apocalipse 21:2 é *Tem hagian Ierousalem kainen eidon katabainousan ek tou Ouranou apo tou Theou*. É usada três vezes no livro do Apocalipse, relacionada à Nova Jerusalém: Apoc. 3:12; 21:2 e 21:10.

É importante notar que, nas três passagens, a forma verbal usada é exatamente a mesma, ou seja, um participio presente feminino: *Katabainousa(n)*, do ver-



bo *Katabainw* (descer). Porém, em Apocalipse 3:12, a expressão é traduzida como “a Nova Jerusalém que desce do Céu”, enquanto que no capítulo 21:2 e 10 é traduzida como “a (Nova) Jerusalém que descia do Céu”. E isso dá a idéia de um evento que estava em processo, naquele momento.

Embora em todas as passagens nas quais é usada essa forma verbal no Apocalipse seja possível (mas não imperioso) que a cidade seja vista descendo, isso definitivamente é impossível na passagem de Apocalipse 3:12: “Ao vencedor, ... gravarei também sobre ele o nome do Meu Deus, e a nova Jerusalém que desce do Céu, vinda da parte do Meu Deus, e o Meu novo nome.” Trata-se aqui de uma promessa de Jesus para o futuro, e não de um evento que João esteja presenciando em visão. Ou seja, em Apocalipse 3:12, João nem mesmo está vendo a cidade,

muito menos vendo-a descer. Aqui, a expressão *katabainousa ek tou Ouranou* está funcionando adjetivamente, limitando *kaines lerousalem*. Em outras palavras, *katabainousa ek tou Ouranou* é uma qualidade que a cidade possui: ela é uma cidade do tipo que desce do Céu. Portanto, o significado desse participio adjetival é simplesmente “a nova Jerusalém vinda (descida) do Céu, da parte de Deus”. Essa seria a tradução mais correta e mais fiel ao original.

Inferência

Assim, vemos que, uma vez que a forma verbal é exatamente a mesma em Apocalipse 3:12; 21:2 e 21:10, não há base nenhuma para traduzir essas passagens de maneira diferente. O que ocorreu foi uma inferência da parte dos tradutores, no sentido de que João, no capítulo 21:2 e 10, estivesse vendo a cidade descer o que ab-

solutamente não pode ser comprovado. Ao contrário, o texto dá margem para entendermos que, quando o apóstolo viu a cidade, ela já estava no local. Por isso foi necessário que o anjo o levasse a “uma grande e elevada montanha” (v. 10), a fim de que ele tivesse uma visão panorâmica da cidade e pudesse enxergar dentro dos seus muros.

Notemos que, quando o Novo Testamento fala da cidade santa, há um esforço deliberado para distingui-la da Jerusalém terrestre. Paulo tem suas próprias expressões para descrever a cidade: “a Jerusalém lá de cima” (Gál. 4:26), “a cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial” (Heb. 12:22).

Em minha opinião, *katabainousa(n) ek Ouranou apo tou Theou* é simplesmente a expressão que João cunhou para descrever a cidade como a nova Jerusalém “vinda do Céu, da parte de Deus”. ☆

O Deus que está vindo

ANGEL MANUEL RODRIGUEZ

Th.D., diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica da IASD, em Silver Spring, Estados Unidos



Divulgação

O Antigo Testamento contém numerosas referências sobre Deus aparecendo realmente a seres humanos, tanto em sonhos (Gên. 20:3), como através de mensageiros (Juizes 6:11) ou em manifestações pessoais de Sua presença, chamadas teofanias (Êxo. 19:9).¹ A palavra teofania é derivada das expressões gregas *theos* = Deus; e *phaino* = aparecer.

Usualmente Deus aparece como um guerreiro para lutar e julgar as nações, ou para livrar Seu povo do poder opressivo de algum inimigo (Isa. 30:27; Miq. 1:3 e 4; 3:1 e 2; Zac. 14:5-11).

A intervenção de Deus na história humana foi impacientemente aguardada por Seu povo. Na verdade, em muitas ocasiões, tal expectativa proveu esperança para o futuro. As manifestações de Deus a indivíduos, ou ao povo, foram particularmente impressionantes porque elas frequentemente eram acompanhadas por extraordinários fenômenos no mundo natural, bem como por uma exibição do poder e da glória de Deus. Tais intervenções, embora incomuns, serviam como modelos de Sua futura manifestação escatológica nos negócios humanos.

O advento e a teofania

De uma perspectiva cristã, poderíamos sugerir que aquelas antigas teofanias eram precursoras da grande e gloriosa vinda do nosso Senhor Jesus Cristo. Em muitas formas elas eram uma pálida reflexão da inédita demonstração de glória que os seres humanos testemunharão no retorno de Cristo. As Escrituras testificam que Jesus virá no esplendor de Sua divindade. Ele disse aos discípulos que o Filho do homem virá “na glória de Seu Pai com os santos anjos” (Mar. 8:38). Perto da crucificação, Ele orou: “E, agora, glorifica-Me, ó

Pai, contigo mesmo, com a glória que Eu tive junto de Ti, antes que houvesse mundo” (João 17:5).

A glória do pré-encarnado Filho é a mesma glória que será revelada por Ele em Sua segunda vinda. Pedro refere-se a esse evento como o tempo quando a glória de Cristo será revelada (I Ped. 4:13). Na encarnação, Sua glória foi encoberta sob o véu da carne humana, e por enquanto ainda está velada no Céu. Mas por ocasião do fim, será completamente descerrada para o mundo.

Na Bíblia, a glória de Deus frequentemente se refere ao Seu caráter (João 1:14) e à Sua natureza única, que o distingue do mundo criado. Simplesmente não há ninguém igual a Ele, porque não existe outro Criador. Tudo o que existe é parte de Sua criação.

Mas Sua glória também se refere ao esplendor da impenetrável luz que envolve Sua pessoa (I Tim. 6:16). Essa mesma glória pertence por natureza ao Filho de Deus e será revelada, como nunca dantes, na parousia. Nessa gloriosa teofania todas as outras teofanias encontrarão seu completo significado de uma forma que transcende a imaginação humana.

O uso ocasional do termo epifania no Novo Testamento, para designar o retorno de Cristo, apóia a visão de que Ele retornará ao planeta e revelará a glória de Sua divindade. Em I Timóteo 6:14, Paulo usa a frase “até à manifestação [*epiphaneia*] de nosso Senhor Jesus Cristo”. E na segunda carta aos cristãos tessalonicenses 2:8, os termos epifania e parousia são combinados para designar o mesmo evento glorioso.

A palavra *epiphaneia*, no grego secular, referia-se à aparência exterior de uma pessoa; mas no contexto religioso designava a manifestação e intervenção dos deuses



A. Rios

em favor de seres humanos.² No Novo Testamento, a expressão refere-se exclusivamente ao aparecimento de Jesus na encarnação (II Tim. 1:10), e particularmente à Sua manifestação na parousia. Sua presença é na verdade uma epifania religiosa, a manifestação de Deus em carne humana no evento da encarnação, e “a manifestação [epiphaneia] da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus”, na segunda vinda (Tito 2:13).

Alguém já concluiu que “a Igreja cristã primitiva viu na encarnação de Jesus Cristo bem como em Seu segundo advento, a parousia final, a realização pessoal do prometido ‘enviado de Deus’”³ anunciado no Antigo Testamento.

Tito 2:13 e 14 refere-se à gloriosa epifania dAquele que está vindo, “nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus”. Sua vinda pode ser descrita como gloriosa porque quem está retornando é, de fato, “nosso grande Deus e Salvador”.⁴ Embora Ele ainda conserve Sua humanidade, por ocasião

de Sua vinda, a gloriosa divindade de Cristo fulgirá através dessa natureza humana em todo o seu insuperável poder e inigualável pureza. Quando Jesus vier pela segunda vez, a raça humana testemunhará a mais poderosa e gloriosa teofania já vista no mundo. Nosso Deus e Salvador aparecerá no tempo e no espaço em toda a Sua glória. Isso será a consumação de todas as teofanias precedentes.⁵

Natureza transformada

A unicidade da teofania de Cristo em Sua segunda vinda pode ser melhor compreendida ao ser contrastada com aquelas relatadas no Antigo Testamento, as quais foram geograficamente limitadas em sua extensão. Por exemplo, Ele apareceu a Abraão perto dos carvalhais de Manre (Gên. 18:1), a Moisés, no deserto (Êxo. 3:1), e pelo menos parcialmente ao povo de Israel no Monte Sinai (Êxo. 19:16-18). Mesmo o Deus-homem, Cristo Jesus, teve Sua presença limitada à Palestina.

Freqüentemente a manifestação da presença do Senhor era acompanhada por sons de trombetas e por extraordinários fenômenos naturais: abalo da Terra, grossas nuvens, trovões e relâmpagos (Êxo. 19:18 e 19). A natureza parecia ser totalmente incapaz de conter a terrível presença do Criador. Em contraste com essas aparições localizadas, o retorno de Jesus transcenderá os limites geográficos e envolverá de uma forma misteriosa todo o planeta. Essa dimensão universal estava ausente em todas as outras teofanias registradas na Bíblia, caracterizando-a como a consumação da presença de Deus no mundo.

Quando a presença visível de Deus for sentida no mundo, os elementos teofânicos adquirirão dimensões universais. O terremoto afetará cada montanha e ilha do planeta (Apoc. 6:14), o som de trombeta alcançará todo rincão do mundo (I Tess. 4:16; Mat. 24:31), e o fogo envolverá a Terra (II Ped. 3:10). Nada escapará às con-

vulsões da natureza no momento do retorno do "nosso grande Deus e Salvador".

O propósito da presença visível de Deus no mundo natural é transformá-lo e redimi-lo da opressão do pecado. Tal manifestação pode acontecer em forma de fogo, mas tem o propósito de purificar. Para Moisés, a sarça estava ardendo em chamas, mas, nesse processo, ele foi incorporado por Deus ao reino da santidade (Êxo. 3:4 e 5). Na manifestação do divino poder de Cristo, o fogo de Sua presença submerge a natureza, não para destruir, mas para redimi-la. Paulo indica que através da teofania escatológica, a criação "será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rom. 8:21).

Teofania visível

As aparições de Deus relatadas na Bíblia foram vivenciadas por um limitado grupo de pessoas. Abraão, Moisés e os israelitas encontraram Sua presença de modo peculiar, mas também Jó (38:1), Elias (I Reis 19:11-13), Isaías (Isa. 6:1-4) e outros. Na maioria das vezes, a presença do Senhor foi manifestada somente a indivíduos. Mas, indubitavelmente, as maiores teofanias registradas no Antigo Testamento tiveram lugar no Monte Sinai, quando "Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. ... E o clangor da trombeta ia aumentando cada vez mais; Moisés falava, e Deus lhe respondia no trovão" (Êxo. 19:17-19).

Nesse dia, o Senhor apareceu "à vista de todo o povo" (19:11). Não apareceu apenas aos líderes e mediadores do povo, mas diretamente à totalidade da comunidade religiosa. Nenhuma outra nação tivera encontros tão íntimos com seus deuses como os israelitas tinham com seu Deus (Deut. 4:32-34).

Todavia, o glorioso retorno de nosso Deus e Salvador romperá o modelo de todas as teofanias anteriores, pois será testemunhada por todo ser humano sobre a Terra. Cristo estabeleceu que "todos os povos da terra... verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória" (Mat. 24:30). João traduz, numa linguagem clara como cristal, a revelação global da divindade de Cristo durante a parousia: "Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá..." (Apoc. 1:7).

Essa teofania será a maior exibição de luz e som já experimentada por qualquer ser humano; a glória, a luz e os sons celestiais atravessam as trevas e a dissonân-

cia de um mundo pecaminoso. Pecadores serão abalados desde o íntimo do ser enquanto vêem o Filho de Deus descendo dos Céus com a mesma glória que tinha com o Pai desde a eternidade (Apoc. 6:15). Ele será visto por Seus inimigos como um divino guerreiro, cuja presença é suficientemente poderosa para destruí-los (II Tess. 2:8).

A um sinal desse divino guerreiro, as forças do mal perderão a vontade de lutar, e possuídas pelo terror buscarão inutilmente um lugar onde possam esconder-se da universal manifestação de Deus em Sua segunda vinda. Não há como escapar da presença visível de Deus porque não existe lugar no planeta onde ela não seja poderosamente sentida. Naquela ocasião não haverá esconderijo para pecadores impenitentes.

A visibilidade dessa teofania absorve o planeta em uma explosão de luz que torna real a presença de Cristo, levando os redimidos a exclamar: "Este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e Ele nos salvará" (Isa. 25:9). Eles terão um incomparável encontro com Deus. Então, um dos mais profundos anelos do coração humano – ver o Criador e Redentor – será satisfeito. O divino guerreiro será visto por eles não como um inimigo, mas como Aquele que está vindo de Sua morada celestial para libertá-los da opressiva presença do mal. Vê-Lo significa experimentar a consumação da liberdade que Ele nos possibilitou durante Seu primeiro advento.

Reunificação permanente

As teofanias bíblicas estão limitadas pelo tempo. Deus apareceu a indivíduos durante curtos períodos. Havia elementos de encontro e de separação; chegada e partida. Conseqüentemente, não havia naquelas teofanias uma reunificação permanente de Deus com os seres humanos num relacionamento face a face. O plano de redenção não havia alcançado ainda seu objetivo último. Mas na segunda vinda de Cristo, o plano de salvação será plenamente cumprido e Sua presença entre Seu povo será visível e permanente.

Paulo aponta com olhar visionário a parousia, e a equipara ao momento quando "estaremos para sempre com o Senhor" (I Tess. 4:17). Transformados pelo poder de Deus manifestado na pessoa do Seu Filho, Seus servos estarão então habilitados a permanecer na presença do Senhor. Essa não é outra teofania. Pelo contrário, ela define nosso novo estilo de existência – livre do poder da morte, introduzidos no reino

da eternidade, e dando um fim radical a toda espécie de separação (I Cor. 15:51-54). Viver permanentemente na imediata e visível presença de Deus não mais será uma experiência incomum, extraordinária e transitória como tem sido, mas uma situação normal em nossa experiência.

Paulo deixa claro que o grande Deus que está vindo é Aquele que "a Si mesmo Se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade..." (Tito 2:14). É quando o mortal for revestido de imortalidade que a natureza humana finalmente será despida do escravizante poder da iniquidade e estará livre para amar em pureza de coração. Sim, os seres humanos serão capazes de expressar amor de maneira natural, livres da presença corruptora do pecado em sua natureza.⁶ A entrada na eternidade com Deus requer uma transformação total da natureza humana, porque o reino celestial é pautado pela pureza do amor divino que foi encarnado naquele que está vindo.

Os cristãos alegremente aguardam a vinda do Filho de Deus ao mundo. O Deus que está vindo é o mesmo que foi crucificado por nós, mas agora aparecerá como o divino guerreiro que confronta as forças do mal e as destrói pelo poder de Sua presença. O Seu encontro com a natureza resultará na transformação desta, bem como sua final incorporação na gloriosa liberdade que experimentam os filhos de Deus. É através do aparecimento de Cristo que a natureza humana experimentará a liberdade definitiva da corrupção interior, permitindo a introdução dos remidos em uma permanente visão de Deus, da qual todas as outras manifestações têm sido pálidos modelos. ☆

Referências:

- 1 Horst Dietrich Preuss, no *Theological Dictionary of the Old Testament*, vol. 2. Johannes Botterweck e Helmer Ringgren, editores; (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1974), págs. 44-49.
- 2 Rudolf Bultmann e Dieter Lüthmann, *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 9. Gerhard Friedrich, editor; (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1974), pág. 8.
- 3 P. G. Müller, *Exegetical Dictionary of the New Testament*, vol. 2. Horst Balz e Gerhard Schneider, editores; (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1991), pág. 44.
- 4 George W. Knight III, *Commentary on the Pastoral Epistles*, (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1992), pág. 323. A frase "nosso grande Deus e Salvador" refere-se apenas a uma pessoa, Jesus. No grego, sempre que um substantivo tem um artigo definido e está unido a um substantivo indefinido pela conjunção *kai* (e), os dois substantivos designam a mesma pessoa ou coisa. Ao lado disso o pensamento expresso no verso 13 é transportado ao verso 14, onde o sujeito da sentença é um pronome singular referente a Jesus ("que a Si mesmo Se deu...").
- 5 Fritz Guy, *The Advent Hope in Scripture and History*, V. Norkov Olsen, editor; (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing, 1987), págs. 217 e 218.
- 6 Fritz Guy, *Op. Cit.*, pág. 223.

O advento e a plenitude do tempo

RICHARDSON M. DAVIDSON

Ph.D., professor de Interpretação do Antigo Testamento na Universidade Andrews, Estados Unidos



Divulgação

No verão de 1980, uma reunião marcante teve lugar em Glacier View, Colorado, para examinar uma tentativa de refutação das colunas mestras da interpretação profética adventista do sétimo dia. Ao findar-se aquele importantíssimo encontro, do qual participaram teólogos adventistas de todo o mundo, muitos dos meus colegas pastores deixaram as fileiras da Igreja. Um deles, amigo íntimo nos tempos de seminário, trouxe uma pilha de livros e me disse: "Desafio você a ler estes livros. Depois quero ver se ainda permanecerá adventista."

Aceitei o desafio. Enquanto eu examinava aquele material, sentia que algumas questões jamais consideradas antes golpeavam o coração da compreensão histórica adventista sobre as profecias em geral, e particularmente a dos 2300 dias. Decidi estudar esse assunto mais cuidadosamente, e determinei ir onde a verdade me levasse, mesmo que o caminho a percorrer me conduzisse para fora da Igreja Adventista.

Assim, começaram-se longos meses de luta com as Escrituras e de agonia em oração. Porém, eu não estava só. Muitos colegas e outros pastores através do mundo perseveravam em cavar as profundezas da Escritura a fim de testar os alicerces da escatologia adventista. E eu sou muito grato a muitos cuja colaboração me ajudou grandemente; de modo especial à Comissão sobre Daniel e Apocalipse, designada pela Associação Geral para tratar das questões levantadas em Glacier View e em

outros lugares. Essa comissão já produziu sete volumes para pesquisas sobre os temas envolvidos na discussão.

Objeções recicladas

Meu testemunho a respeito dos resultados relacionados com os estudos bíblicos nas duas últimas décadas é simples: tenho ficado extremamente feliz ao verificar, cada vez mais claramente, que a interpretação histórica adventista das profecias relacionadas com os últimos dias pode resistir à mais cuidadosa investigação. Ponto por ponto, as objeções e questões em minha mente foram se derretendo como geadas sob a luz do sol das Escrituras.

Nunca imaginei, antes de Glacier View, que quase 20 anos depois eu teria o privilégio de lecionar as mesmas verdades proféticas no Seminário Teológico Adventista da Universidade Andrews. Assim como nunca imaginei que muitas dentre as objeções à compreensão adventista sobre a escatologia fossem reaparecer 20 anos depois daquela reunião. Novos livros e material audiovisual têm sido amplamente distribuídos, realçados pela aparição de ex-adventistas que tentam desmantelar a base profética da Igreja. Os argumentos dos anos 80 estão agora reciclados, e as consistentes pesquisas sobre Daniel e Apocalipse, realizadas pelos estudiosos adventistas, são quase totalmente ignoradas pelos oponentes.

A questão básica é a mesma: onde estamos nós em relação à plenitude do tem-

po, antes do segundo advento de Cristo? Qual é a natureza da interpretação profética? Quão segura é a interpretação adventista de Daniel 8:14? O que dizer a respeito da data estabelecida para o início dos 2300 dias proféticos? Podemos nós ainda manter a nossa posição histórica de interpretação profética, à luz da aparente demora da volta de Cristo? E, finalmente, o que dizem estas profecias a respeito da proximidade do retorno de Jesus?

Investigando o juízo

Um dos ensinamentos proféticos adventistas mais amplamente rejeitados é o de um juízo investigativo, pré-advento, do povo de Deus. Os críticos argumentam que essa doutrina está baseada exclusivamente em um texto – Daniel 8:14 –, e que esse texto tem sido mal-interpretado e deslocado do seu contexto.

No primeiro volume da série produzida pela Comissão sobre Daniel e Apocalipse, um atualmente jubilado diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral examinou pelo menos 28 diferentes passagens do Antigo Testamento, fora do livro de Daniel, todas elas relacionadas com o assunto do juízo.¹ Vinte dentre essas passagens fazem referência ao julgamento do povo de Deus e muito claramente envolvem o aspecto investigativo, realizado tanto no santuário celeste como no santuário terrestre.

Há numerosas passagens bíblicas onde o santuário não é especificamente mencionado como o lugar do julgamento, mas onde é indicado o procedimento de Deus no trato com o Seu povo, antes do juízo executivo. Na verdade, a Bíblia revela que o procedimento regular de Deus, em relação à humanidade antes da consumação do fim, é primeiramente dirigir um juízo investigativo, com base nos registros celestiais, a fim de demonstrar a Sua justiça antes de ser pronunciado o veredicto do juízo executivo.

Encontramos Deus agindo dessa maneira desde a entrada do pecado no Éden. Ao procurar Adão e Eva, na viração do dia, depois que eles haviam pecado, Deus iniciou uma verificação legal ou um juízo investigativo, antes de pronunciar a sentença. O erudito protestante liberal Claus Westermann aponta que, depois da queda, Deus realizou um “processo legal”, uma “verificação”, um “processo de juízo”.² Adão e Eva foram colocados no tribunal, receberam a oportunidade de se explicar e nessa explicação acusaram-se a si mesmos, revelando finalmente sua culpa antes de Deus os declarar culpados.

Entretanto, no coração desse julgamento está a primeira promessa do evangelho (Gên. 3:15). O juízo investigativo de Deus não é para ver quem Ele pode condenar, mas quem Ele pode salvar. Mais que qualquer outra coisa, o julgamento é uma mensagem de graça e misericórdia divinas.

O processo tem continuidade no Gênesis. Deus realiza uma investigação antes de enviar o Dilúvio (Gên. 6:1-13). O mesmo procedimento é descrito na época da construção da torre de Babel (Gên. 11:5-7) e na destruição de Sodoma e Gomorra (Gên. 18:20 e 21). Em cada um desses casos, um julgamento investigativo esteve envolvido, reconhecem muitos eruditos de variadas confissões.³ Deus realiza a investigação, não porque necessita saber alguma coisa, mas para revelar que Ele é absolutamente justo em tudo o

Mais que
qualquer outra coisa,
o juízo
pré-advento é uma
demonstração
de graça e
misericórdia
divinas.

que faz. Mas, repetimos, em todos os casos evidencia-se a manifestação da Sua graça, reveladora do Seu desejo de salvar os que estão prestes a ser examinados.

A esse procedimento legal é dado o nome, no Antigo Testamento, de *rib*, ou processo de aliança. Consiste em uma investigação divina legal da evidência, antes do pronunciamento da sentença e do julgamento sobre o professo povo da aliança, tal como foi feito no julgamento investigativo sobre o Reino do Norte, conforme descrito por Miquéias, e no período pós-exílico, segundo Malaquias.⁴ A mesma coisa aconteceu com Israel, nos dias do Novo Testamento (34 a.D.), antes da sua tribulação e juízo executivo.⁵

O paralelo de Ezequiel

Possivelmente o mais dramático e esclarecedor dos exemplos de um juízo investigativo de Deus sobre povo do concerto seja o que aparece nos primeiros capítulos de Ezequiel. João, o vidente de Patmos, faz alusões e referências a Ezequiel 1-10, em suas descrições sobre o trato de Deus com o Seu povo nos últimos dias. Ele sugere que os eventos envolvendo o fim do tempo de prova para a monarquia judaica podem ser um tipo do procedimento antitípico da ação de Deus com Seu povo antes da sua provação final. E qual foi o procedimento de Deus nos dias de Ezequiel, nos anos finais da história de Judá, antes que a cortina caísse, antes que o juízo executivo fosse desencadeado? O procedimento foi um juízo investigativo conduzido desde o lugar santíssimo do santuário.⁶

Ezequiel revela não somente o procedimento divino antes do fim da provação, isto é, um juízo investigativo, mas também o desejo de Deus salvar Seu povo. Repetidas vezes no livro de Ezequiel o Senhor expõe esse desejo: “Por que morrereis, ó casa de Israel?” (Eze. 18:31); “porque não tenho prazer na morte de ninguém” (v. 32); “...não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho, e viva.” (Eze. 33:11).

Alguém também pode ler nas entrelinhas e ver características similares na maneira como Deus deixa o templo, no final do juízo investigativo. Ezequiel 10 e 11 mostra que a carruagem celestial não deixa o lugar simplesmente como chegou. A glória do Senhor pouco a pouco eleva-se de seu lugar de juízo investigativo acima do arco no lugar santíssimo, move-se para o limiar do templo e pára. Então, nessa carruagem, o Senhor move-Se vagarosamente através do pátio e pára novamente à porta oriental do recinto do templo.

Daí, lentamente ascende em Seu trono e cruza o Vale de Cedron, parando de novo, pela última vez – agora sobre o Monte das Oliveiras, exatamente onde o Filho do homem seis séculos mais tarde choraria sobre Jerusalém. É como se o Senhor não quisesse terminar o juízo investigativo; como se Ele estivesse esperando pessoas se arrependem, voltarem-se para Ele e viver.

Confirmação das evidências

O que todos esses modelos ilustrativos do procedimento divino no julgamento têm a ver com a plenitude do tempo, antes do segundo advento de Cristo? Eu

creio que o primeiro profeta da História a descrever explicitamente o segundo advento ilumina esse ponto. Enoque, que viveu na sétima geração depois de Adão, profetizou a respeito da parousia: "... Eis que veio o Senhor entre Suas santas miríades, para exercer juízo contra todos..." (Judas 14 e 15).

A segunda vinda de Cristo é claramente uma ocasião de juízo executivo cósmico.⁷ Se Deus está agindo de maneira coerente no fim do tempo tal como tem feito através da História, o juízo executivo no segundo advento também será imediatamente precedido pela fase investigativa. Dessa maneira, se pudermos conhecer quando essa fase investigativa cósmica tem seu início, poderemos ter um claro sinal de que estamos perto do juízo executivo da segunda vinda de Jesus.

Na realidade, tal como os juízos executivos de Deus através da História foram regularmente precedidos por uma fase investigativa, Daniel revela que a mesma coisa acontece no fim da história terrestre. O livro de Daniel não apenas indica a existência de um juízo investigativo pré-advento cósmico, como também revela quando esse julgamento teria seu início. O capítulo sete mostra claramente que essa fase do juízo, em favor dos santos, precede o juízo executivo sobre a ponta pequena⁸ e a recepção do reino por parte de Cristo.⁹ E o capítulo paralelo, Daniel 8, indica quando esse grande Dia de Expição, ou de purificação do santuário, começaria: depois de 2300 "tardes e manhãs".¹⁰

A interpretação historicista adventista simplesmente constrói sobre o fundamento da Igreja primitiva e da Reforma. A visão historicista da profecia foi a visão dos reformadores, embora hoje a maioria das principais denominações, exceto os adventistas do sétimo dia, tenha abandonado essa posição em favor dos sistemas contra-Reforma.¹¹

Entretanto, somente a visão historicista faz justiça a todo o livro de Daniel. Os preteristas talvez digam que a profecia falhou, e os futuristas talvez inventem alguma falha onde nenhuma falha existe. Mas os historicistas podem confiar na marcha da profecia que se move desde os dias proféticos até o escatón.¹²

O princípio dia-ano é crucial na interpretação historicista. Esse princípio também foi amplamente captado pelos teólogos reformadores. Os adventistas tradicionalmente têm apoiado o princípio dia-ano em Ezequiel 4:6 e Números 14:34. Apenas dois textos, e ambos fora do livro de Daniel. Um pouco cético em relação a es-

sa abordagem, mesmo antes de Glacier View, lembro-me da euforia que me possuiu enquanto eu estudava os volumes sobre Daniel e Apocalipse,¹³ que mostram não apenas duas ou três evidências, mas 23 diferentes razões bíblicas que validam a aplicação do princípio dia-ano às profecias de Daniel e Apocalipse. E a maioria dessas evidências é encontrada fora do livro de Daniel.

Também alegro-me na evidência confirmatória para as datas relacionadas com a profecia dos 2300 dias e as 70 semanas (Daniel 9). Deus preservou manuscritos cruciais sepultados por mais de dois mil anos numa pequena ilha no meio do Rio Nilo. A descoberta e tradução desses documentos ajudaram a confirmar que a data do primeiro decreto de Artaxerxes foi 457 a.C., como os adventistas ensinam, e não 458.¹⁴

Todos os juízos
executivos de Deus,
através da História,
foram precedidos
por uma fase
investigativa.
Assim será nos
últimos dias.

Outras fontes bíblicas e extrabílicas acessíveis a qualquer pesquisador fornecem evidências que mostram a razão pela qual esse decreto, e não outro, marcou o início das 70 semanas e dos 2300 dias.¹⁵

Não menos excitante é a confirmação do final do período dos 2300 dias-anos, em 22 de outubro de 1844. Tenho ouvido dizer que os pioneiros adventistas eram simples e iletrados, sem sofisticação intelectual para fazer investigações bíblicas merecedoras de crédito. Embora a maioria desses pioneiros não tivesse a vantagem de ter recebido elevada educação teológica, e certamente não possuísse toda luz, em meus estudos de mais de mil páginas de artigos de pioneiros relacionados com a interpretação da profecia dos 2300 dias,¹⁶ fico maravilhado pela maneira como Deus guiou aqueles humil-

des filhos Seus a tão profundas e confiáveis conclusões.

A data de 22 de outubro de 1844 é um caso à parte. Eruditos detratores do ensinamento adventista do sétimo dia argumentam que os pioneiros do adventismo escolheram uma data do *Yom Kippur* (Dia de Expição) judaico, proposta por uma obscura seita do judaísmo, os caraitas, ao invés de tomar a data aceita pelas principais tradições rabínicas, que em 1844 aconteceu um mês antes de 22 de outubro. A verdade é que essa mudança somente prova quão estudiosos eram os pioneiros. Eles descobriram que o método rabínico de calcular o início de anos religiosos era baseado sobre fórmulas cíclicas estáveis por adicionar um 12º mês a mais, a fim de alinhar o calendário lunar com o calendário solar.

O procedimento está ligado ao equinócio de primavera, não à estipulação da colheita judaica lunar de cevada, dada nas Escrituras, que estabelece as datas festivas um mês mais cedo. Apenas os caraitas, que rejeitavam todas as tradições rabínicas e aceitavam somente as Escrituras, ainda preservaram em 1844 o método bíblico de cálculo daquelas datas. Foi assim que chegaram a 22 de outubro, como a data correta para o Dia da Expição.¹⁷

É interessante também notar que a maioria dos caraitas fora da Palestina tinham rejeitado o método bíblico de cálculo e que, logo depois de 1844, mesmo caraitas residentes na Palestina cessaram de usar esse método. Eu estou muito grato a Deus porque Ele guardou um remanescente fiel ao modo bíblico, pelo menos até 1844. Graças a Deus por Ele ter conduzido nossos pioneiros no fundamento sólido das Escrituras em lugar da tradição.

Também é muito interessante notar que, nos últimos anos, os caraitas em Israel voltaram a calcular o começo do ano pelo método bíblico, adicionando um novo 12º mês quando necessário, de modo que a cevada seja colhida por ocasião da Páscoa. Isso é tão verdadeiro que o começo do último ano judaico (1999-2000) apresentou uma situação quase idêntica à de 1843-1844, e de acordo com a primeira investigação caraita, foi necessário adicionar um mês, ao contrário do procedimento tradicional rabínico. Dessa maneira, o Dia da Expição no ano passado, figurou segundo a maneira bíblica de contagem, ou seja, aconteceu durante a última parte de outubro, ao invés de setembro, tal como aconteceu em 1844.¹⁸ Essa é a corroboração contemporânea para a correção

dos cálculos feitos pelos pioneiros adventistas sobre o Dia da Expição em 1844.

Para quem porventura ainda esteja em dúvida quanto à maneira caráita de calcular o calendário, quero dizer que também estou feliz porque Deus recentemente providenciou mais um testemunho de confirmação do 22 de outubro de 1844. Pelo estudo da astronomia babilônica e da matemática, agora é possível chegar à data precisa do Dia de Expição em 457 a.C. e, através de cálculos matemáticos, estabelecer o equivalente para essa data em 1844. Esse estudo foi realizado recentemente, por William Shea, e demonstra por cálculos astronômicos e matemáticos, independentes do calendário caráita, que 22 de outubro é a data correta para o Dia da Expição em 1844.¹⁹ Temos um firme e seguro fundamento para a nossa fé.

A interpretação adventista para essa data indicada no texto de Daniel 8:14 é sólida, e assim é a interpretação para o seu significado. Não temos espaço para uma exegese detalhada,²⁰ mas noto aqui que a palavra traduzida como “purificado” em Daniel 8:14 é *nidaq*, que pode ter pelo menos os seguintes sentidos: “estabelecer justiça/restaurar”; “limpar/purificar”;¹ e “vindicar”.

Tal variação de significados provê a solução a três problemas estabelecidos no verso anterior (Dan. 8:13): a remoção do contínuo ministério no santuário, a “transgressão assoladora” e o pisoteamento do santuário. O ministério mediatório contínuo de Cristo precisa ser justificado e restaurado; a transgressão no santuário necessita ser limpa; e o pisoteamento do santuário e do exército de Deus, causador da difamação ao Seu caráter, clama por vindicação de Deus e Seu povo. Há palavras separadas, em hebraico para cada uma dessas idéias; mas somente uma palavra hebraica pode simultaneamente envolver as três: a palavra *nidaq*. Aqui está a mensagem integral de um juízo investigativo ençapsulada numa palavra.

As boas-novas do juízo

A doutrina de um juízo investigativo cósmico antes do segundo advento de Cristo é o tema de muitas outras passagens bíblicas fora do livro de Daniel²¹ incluindo o “evangelho eterno” da primeira mensagem angélica, em Apoc. 14:6, o que diz: “vinda é a hora do Seu juízo.” Ele já veio!

Embora seja uma ocasião terrível para aqueles que negligenciaram e rejeitaram as provisões feitas para sua salvação, para os que estão em Cristo, o juízo investigativo é razão para regozijo. É a revelação dos

santos de Deus para o Universo; não coloca a salvação do povo de Deus em risco.

Desde 1844, os santos de Deus podem alegremente proclamar: “Enfim, nossa causa está sendo vindicada!” Desde a morte de Abel, o sangue dos mártires tem clamado: “Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a Terra?” (Apoc. 6:10). No primeiro século, “vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho...” (Gál. 4:4), para realizar Sua obra redentora sobre a Terra. Da mesma forma, nos últimos dias, ao chegar a plenitude do tempo,²² veio o “Ancião de dias” para fazer Seu trabalho de juízo investigativo e então receber o reino (Dan. 7:9-14). Essa obra já começou. O *Yom Kippur* já chegou. Satanás finalmente será silenciado; a verdade vindicará Deus e Seu povo.

O fato de que o julgamento final já começou é o mais inegável sinal da proximidade do segundo advento. O Dia do Senhor é vindo, e foi anunciado na Terra por sinais cósmicos – um grande terremoto, o escurecimento do Sol e da Lua, a queda das estrelas, justamente como os profetas bíblicos e o próprio Jesus predisseram (Joel 2:30 e 31; Isa. 13:9 e 10; 34:4; Mat. 24:29; Mar. 13:24 e 25; Luc. 21:24 e 25).²³

Mas, alguém pode replicar: “1844 já passou faz muito tempo! A fase investigativa do juízo não estaria muito demorada para Deus?” Não, não está. A evidência inspirada é clara no sentido de que Ele poderia ter vindo em poucos anos, após 1844, se o Seu povo tivesse sido fiel à missão de pregar a mensagem dos três anjos ao mundo. Todo o mundo poderia ser advertido e Cristo poderia ter voltado.²⁴

Muitos são tentados ao desencorajamento por tão aparentemente longa demora. Mas cada dia dessa “demora” é revelador do Seu grande amor por este mundo, não desejando que ninguém pereça. No antítipo do microcósmico juízo investigativo de Israel, como demonstrado por Ezequiel e seis séculos depois pelos escritores dos evangelhos, Cristo está agora, parado sobre o Monte das Oliveiras, com lágrimas nos olhos, resistindo em não terminar o tempo de prova para Seu povo, até que alguém mais queira converter-se e viver (Eze. 18:32). Ele espera para reunir Seus filhos como a mamãe galinha reúne seus pintinhos (Mat. 23:37). Ele não negligenciou Suas promessas, mas é demasiado paciente, não querendo que qualquer de nós pereça (II Ped. 3:9).

Já é passado um longo tempo desde Glacier View. Muitas boas pessoas deixaram nossas fileiras desde então. Ao mesmo tempo outros muitos bons irmãos permaneceram conosco, convencidos pelo claro testemunho das Escrituras de que nossa mensagem é justamente o que temos ensinado: a verdade presente. Sem dúvida, mais desafios virão, e outras boas pessoas nos deixarão. Indubitavelmente, outros bons indivíduos estarão a Bíblia e, convencidos da poderosa evidência revelada na Palavra, permanecerão fiéis a essas verdades, e ao Senhor que graciosamente nos deu essa mensagem para ser proclamada a um mundo agonizante. ☆

Referências:

- 1 William H. Shea, *Selected Studies on Prophetic Interpretation, Série Daniel e Apocalipse*, vol. 1, (Washington, D.C.: Instituto de pesquisa Bíblica, 1982), págs. 1-24.
- 2 Claus Westermann, *Creation*, (Londres: SPCK, 1974), pág. 96.
- 3 T. F. Mafico, *Journal of Theology for Southern Africa* 42, 983, pág. 13.
- 4 James Limburg, “The Root [trib] and the Prophetic Lawsuit Speeches” *JBL* 88, 1969, págs. 291-304.
- 5 William H. Shea, *The Seven Weeks, Leviticus, and the Nature of Prophecy, Série Daniel e Apocalipse*, vol. 3, 1986, págs. 80-82.
- 6 William H. Shea, *The Sanctuary and the Atonement: Biblical, Historical and Theological Studies*, editores Arnold Wallenkampf e W. Richard Lasher, (Washington, D.C.: Review and Herald, 1981), págs. 283-291.
- 7 Deus executa o juízo em Sua segunda vinda por desmantelar a confederação da falsa trindade, colocando assim um fim ao sistema da ponta pequena ou Babilônia; por restaurar a justiça, e por destruir o mal. Então acontecerá o juízo vindicativo durante o Milênio, seguido pelo juízo executivo, no qual o império do mal com Satanás e seus anjos recebem a punição de acordo com suas obras.
- 8 A identificação da ponta pequena de Daniel, o anticristo e a Babilônia do Novo Testamento, com o sistema papal é outro ponto no qual a interpretação adventista encontra quase unanimidade entre eruditos reformadores.
- 9 William H. Shea, *Selected Studies*, págs. 94-131.
- 10 Gerhard Hasel, *Symposium on Daniel*, editor Frank Holbrook, (Washington, DC: Review and Herald, 1986), págs. 378-461.
- 11 LeRoy Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, (Washington DC: Review and Herald, 1946-1954).
- 12 Gerhard Hasel, *Seventy Weeks*, págs. 3-36.
- 13 William H. Shea, *Selected Studies*, págs. 56-93.
- 14 Siegfried Horn e Lynn Wood, *Chronology of Ezra*, resumo em *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 3, págs. 100-104.
- 15 Arthur J. Ferch, *Seventy Weeks*, págs. 64-74.
- 16 Paul A. Gordon, *Pioneer Articles on Sanctuary*, (Washington D.C.: Review and Herald, 1983).
- 17 LeRoy Froom, *Op. Cit.*, vol 2, págs. 196-199 e vol. 4, págs. 792-797.
- 18 Ver karait@netvision.il
- 19 William Shea, *Selected Studies*, págs. 132-137.
- 20 Gerhard Hasel, *Symposium on Daniel*, págs. 378-461.
- 21 Lev. 16; 23:28-32; Mal. 3:1-5; Mat. 22: 25:1-13; Heb. 10:25-31; Apoc. 11:1-3, 18, 19; 14:6.
- 22 Note que o próprio Jesus alude ao conceito de plenitude do tempo a respeito do tempo do fim. Ele explicitamente referiu-se aos tempos de Dan. 7:25 em Seu discurso no Monte das Oliveiras (Luc. 21:14).
- 23 G. A. Eiby, *Earthquakes*, (Nova York: Van Nostrand Reinhold, 1980), cap. 11.
- 24 Ellen G. White, *Evangelismo*, págs. 695 e 696.

O que aprendi como pastor

JAMES COFFIN

Pastor da igreja adventista de Markham Woods, Orlando, Flórida



Divulgado

Este é o 25º ano do meu ministério. A propósito disso resolvi partilhar com você, leitor, algumas idéias que são fruto do aprendizado adquirido em todos esses anos de trabalho. Espero que elas possam contribuir, de alguma forma, para o crescimento do seu pastorado.

1. Conheça os fiéis pelo nome. Dale Carnegie disse certa vez que ouvir o próprio nome pronunciado por alguém é o mais belo som aos ouvidos humanos. Ele estava certo. Tome tempo para aprender cada nome, de pessoas idosas ou jovens. Esse é um investimento que garante enormes lucros.

Habituei-me a escrever o nome de cada família em um pequeno cartão, usando uma seqüência padronizada: homens e mulheres adultos, jovens, crianças, etc. Então coloco-os num arquivo, repasso um por um e treino em voz alta para decorar cada nome. Uma vez que os nomes estejam completamente gravados, periodicamente repito o processo para refrescar a memória e aumentar a eficiência.

2. Faça sua igreja inclusiva. Está você, durante a pregação, usando clichês que os interessados e novos conversos não entendem? Abandone-os. As divisões inferiores da Escola Sabatina estão indefinidas quanto às crianças, juvenis e adolescentes que devem freqüentá-las? Reorganize-as. Conhecem-se os membros da sua igreja mutuamente? Sabe cada um onde o outro mora? Se não, inclua no boletim semanal endereços e números de telefones. Faça tudo para integrar os interessados e recém-conversos. Se eles são obrigados a

pedir informações todos os dias, a mensagem sutil é que as atividades os estão deixando à margem.

3. Torne a Bíblia central. Use a pregação para ligar as pessoas a Cristo e à Bíblia; não a você como pregador. Agradeço muito a uma inteligente sugestão de um membro, poucos anos atrás, no sentido de que fossem providenciados exemplares da Bíblia, de uma versão idêntica, para que fossem colocados à disposição dos adoradores. Assim como fazemos com os hinários. Quando eu prego, além de informar o livro, capítulo e verso que serão lidos, também costumo dizer o número da página. Dessa forma, as pessoas que ainda não têm familiaridade em manusear as Escrituras, terão facilidade em acompanhar a leitura.

4. Não seja prolixo. Seus sermões e palestras podem até não ser peças de um mago da oratória. Mas se não forem sermões e palestras longos certamente serão palatáveis. Lembre-se de que o que importa não é quanto você pode colocar no prato, mas quanto os ouvintes conseguem digerir. Diga tudo o que você quer dizer, mas em poucas palavras. Deixe sempre nos ouvintes aquela sensação de “queríamos um pouco mais”.

5. Programe eventos especiais. Em minha congregação, sempre realizo um serviço de Ceia à luz de velas, numa sexta-feira. A assistência e participação da irmandade cresce na mesma medida em que a tradição é solidificada. Também estamos atentos a algumas datas especiais do calendário, como Natal, Páscoa, etc.,

quando fazemos programações especiais. Um retiro anual, pequenas excursões e outras atividades, servem para manter ativa e integrada a congregação.

6. Atenção ao sexo oposto. Previnha-se contra maledicências. Não seja distante e frio no trato com as pessoas, mas tenha cuidado sobre como se relaciona com o sexo oposto. Evite demorados apertos de mão, sentar-se muito junto, gestos e atitudes que possam ser mal interpretados por outras pessoas, ou que possam convidar a tentação. Um pequeno descuido, que poderia ser evitado, já colocou por terra a confiabilidade e a integridade de muitos pastores, destroçou lares e arruinou muitas vidas.

7. Ande uma segunda milha. Um pastor que dá boas-vindas aos visitantes está fazendo apenas o que dele é esperado. Mas um pastor que leva os visitantes ao lugar onde devem sentar-se, ou à classe de Escola Sabatina quando se trata de crianças, e permanece ao seu lado até que estejam bem acomodados, constrói verdadeira credibilidade. Os pastores necessitam estar seguros de que eles freqüentemente têm de ir além do limite do dever. É realizando alguma coisa extra que se enche o reservatório de boa-vontade.

8. Seja confiante. Não traia a confiança de nenhum dos seus fiéis. Se você quer destruir a sua eficiência, passe para outras pessoas o que lhe foi contado em segredo. Destrave a língua e os lábios, e verá cair por terra a sua carreira pastoral, além de causar angústia à pessoa que confiou em você. Já se disse que o pastor é um túmulo para certas coisas que ouve. E isso não é exagero.

9. Comunique. Muitas tensões congregacionais acontecem em virtude da falta de comunicação. Se as pessoas conhecerem o plano de trabalho elaborado para a igreja, se forem informadas do que está sendo feito e do que delas se espera, certamente vão responder com seu apoio.

10. Use o telefone. Em muitos lugares as distâncias entre o pastor, a igreja e seus membros ainda são grandes. Percorrê-las significa enfrentar o trânsito congestionado e engarrafamentos. Um contato telefônico pode resolver situações difíceis com rapidez. Embora não seja um substitutivo para o contato pessoal, o telefone ajuda a mantê-lo em sintonia com os membros da igreja. Com o advento dos celulares, isso ficou ainda mais fácil. Nenhuma outra atividade produz melhor retorno por minuto investido.



11. Use o computador. Quando utilizado simplesmente como um brinquedo, ao invés de ser um instrumento de trabalho, o computador pode ser um incalculável desperdício de tempo para o pastor; e em muitos casos, infelizmente, tem sido assim. Mas quando utilizado sabiamente, ele pode trazer benefícios tremendos. Por exemplo, você pode utilizá-lo para imprimir documentos, manter controle de membros e interessados, fazer relatórios para a Associação, man-

ter informações atualizadas sobre diversos assuntos, etc.

12. Planeje o futuro. Planejamento a longo prazo ajuda a ganhar tempo. Nossa congregação opera num calendário repetitivo razoavelmente rígido. Alguns eventos acontecem dentro da semana, alguns acontecem mensalmente, e outros são de natureza trimestral. Raramente os modificamos.

Anualmente, reservamos um dia inteiro para o estabelecimento de metas. Nessa ocasião, chegamos a programar cerca de 95% dos eventos. Cada seis meses produzimos um folheto de 32 páginas e o distribuímos aos membros e interessados. Esse folheto dá-nos uma visão geral dos acontecimentos locais, enfatizando os eventos dos próximos seis meses, incluindo uma breve sinopse de cada sermão.

13. Faça uma declaração de missão. O estabelecimento de uma declaração de missão ajuda a manter o foco da congregação. Uma declaração de missão deve deixar bem clara a missão que a igreja deve desempenhar. Então, todas as atividades que forem realizadas contribuirão para o seu cumprimento. Em nossa declaração, dizemos o seguinte: "A missão da igreja adventista do sétimo dia de Markham Woods é construir relacionamentos com Deus, com a família, com outras pessoas e com a natureza, através do saudável poder de Cristo." Nós a imprimimos em cada boletim semanal, em cada carta, e também a exibimos nos murais da igreja.

Muitas pessoas têm confessado que começaram a vir à nossa congregação especificamente porque a declaração de missão deu-lhes a confiança de que seriam bem recebidas.

14. Controle o púlpito. É prerrogativa do pastor determinar quem ocupará o púlpito da sua igreja. O pastor deve estabelecer o "tom" da congregação, e escolher pregadores que perpetuem e complementem esse "tom". Todos os pregadores aos quais eu convido para ocupar o púlpito em minhas congregações recebem uma

carta de duas páginas, na qual descrevo a referida congregação e traço as linhas estabelecidas para ela. Tenha cuidado, pois um pregador indiscreto pode destruir num sermão um fundamento que você gastou meses para construir. Não tenha receio de expor suas expectativas, seja quem for o pregador.

15. Celebre acontecimentos marcantes. Os membros, particularmente os jovens, necessitam saber que os principais eventos de sua vida são importantes também para a família da igreja. Transforme cada rito ou passagem especial da vida dessas pessoas num evento muito significativo. Em nossa igreja, comemoramos todas as formaturas (primeiro e segundo grau, faculdade), num determinado sábado. A cerimônia é simples: eu apresento os graduandos e seus pais, informo onde estudaram, que curso terminaram, e digo alguma coisa especial a respeito de cada um deles. Pergunto sobre seus planos para o ano seguinte, digo mais algumas palavras de congratulação e incentivo, e então eles recebem uma pequena lembrança.

Trata-se de algo simples, mas que tem sido um dia muito aguardado e comentado entre os irmãos.

16. Dê vida aos funerais. Paradoxalmente, os funerais podem ser uma das mais satisfatórias atividades pastorais. A oportunidade de servir a um aflito e desconsolado é uma ocasião significativa para um ministro de Deus. Não se limite a fazer uma referência morna sobre a vida da pessoa extinta. Celebre a sua vida, o seu trabalho em favor de Cristo e da igreja; realce a esperança da ressurreição. Contate o maior número de familiares possível para conseguir informações, lembranças, acontecimentos reais de qualquer natureza, da vida do morto. Anote tudo, selecione os fatos principais e mencione-os no funeral.

Destaque o fato dessa pessoa ser tão especial e amada por seus familiares e amigos. Normalmente eu providencio a impressão de um folheto em papel de boa qualidade, contendo informações sobre o falecido, e distribuo entre pessoas presentes à cerimônia fúnebre. Em média, um funeral toma dez horas do meu tempo. Mas nenhum outro evento me torna tão íntimo das famílias em minha congregação.

17. Limite seu trabalho. Você pode ter a capacidade de trabalhar 90 horas por semana. Sua esposa pode ser capaz de to-

lerar 70. Seus filhos podem agüentar perto de 50. Tente satisfazer o denominador comum mais baixo entre as suas necessidades e as de sua família.

Numa tentativa de relacionar meu programa de trabalho ao dos meus paroquianos, anos atrás coloquei em prática a seguinte fórmula: considerando que 40 horas parecem ser o padrão de trabalho semanal, decidi trabalhar 40 horas como pastor. Mas alguns trabalhadores gastam algum tempo extra. Assim, acrescento mais cinco horas. Eu gostaria de ter cada membro trabalhando voluntariamente cinco horas para a igreja, durante a semana. Dessa forma, faço isso também. Tento limitar meu trabalho a 50 horas por semana, calculando o tempo em que saio de casa até a volta.

18. Desenvolva uma visão evangelística. Procure olhar cada atividade como sendo evangelismo. Por que não capitalizar o potencial evangelístico de cada programa da igreja? Procuo estruturar cada atividade e sermão de tal maneira que os membros se sintam bem à vontade para convidar visitas. Tento fazer de cada atividade social um ímã para atrair aquelas pessoas que desejamos alcançar. Nossos ministérios de crianças e jovens são tanto de nutrição como de testemunho.

19. Aprenda a dizer “não”. Se você morrer hoje à noite, sua congregação estará reunida e adorando a Deus no próximo sábado. E seis meses depois, seu nome raramente estará no centro das conversações. Assim sendo, não se mate tentando fazer todas as coisas para todas as pessoas. Estabeleça prioridades pessoais e profissionais, e então corra atrás delas. Se você não tem tempo, se o que lhe pedem para fazer não ajuda diretamente o ministério específico pelo qual você é responsável, se não é sua área de habilidade ou interesse, simplesmente diga “não”.

20. Aproveite melhor o tempo. Aparelhos de rádio instalados em automóveis geralmente roubam um tempo precioso. Ao invés de ouvir música ou conversa fiada, memorize o nome dos irmãos, pratique a arte de contar histórias para crianças, ouça fitas sobre a Bíblia ou material de crescimento pessoal, aprenda um novo idioma, etc. Não desperdice as horas que passa dentro do carro. Por outro lado, se você necessita de tempo para “respirar”, pode usar também o tempo gasto no automóvel como tal compensação.

21. Valorize as pequenas coisas. Por exemplo, não deixe de cumprimentar ou atender um membro da igreja só porque você está na companhia do presidente do Campo. Pelo contrário, apresente-o ao seu líder. Não esqueça de mandar um cartão, por mais simples que seja, ou telefonar para um irmão no dia do seu aniversário; Há outros pequenos gestos que são investimentos cujos lucros serão imensos. Experimente-os em sua realidade e cultura locais.

22. Plagie criativamente. Salomão disse que nada existe novo debaixo do sol. Não tente você invalidar sua sabedoria. Capte as boas idéias onde quer que elas apareçam. Então faça alguma “engenharia genética” para que elas trabalhem em seu favor. Tradicionalmente, os japoneses têm mostrado a especialidade de aperfeiçoar as idéias de outras pessoas. Entretanto, não seja desonesto, atribuindo para si a autoria ou a originalidade dessas idéias. De qualquer forma não tema usar e adaptar abordagens ajudadoras, originadas em qualquer fonte legítima e confiável.

23. Ouça os críticos. Todos nós gostamos de um tapinha no ombro, mas uma bofetada no ego pode às vezes nos trazer maior benefício. Não se distancie dos seus críticos. Ouça-os. Agradeça e peça-lhes que façam observações. O benefício será duplo: você desenvolverá a necessária humildade para corrigir-se e o crítico inevitavelmente se tornará mais um aliado.

24. Floresça onde está plantado. Não procure mudar todo o mundo quando você foi chamado para um tarefa específica, no âmbito local. Sua congregação é sua primeira responsabilidade. Quanto mais amplo o seu campo de intromissão, menos benefício você trará àqueles que estão sob sua responsabilidade e liderança imediata. Portanto, contenha-se. Limite-se ao seu campo de ação.

25. Torne-se um especialista. Encontre uma área de especialidade; então afie suas habilidades nessa área até que você se torne um *expert*. Não pense que o fato de você ser um pastor local impede que você tenha e desenvolva grandes idéias. Lembre-se de que os *experts* também tiveram sua fase de anonimato. Somente depois de algum tempo investido em testar as idéias e mostrar os resultados de sua aplicabilidade, é que se tornaram conhecidos. ☆

O significado da segunda vinda

HANS K. LaRONDELLE

Th.D., professor emérito do Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos



Divulgado

O evento culminante da realidade bíblica é a segunda vinda, quando Cristo retornará para julgar o mundo, para vindicar Sua morte e buscar os Seus escolhidos. O conhecido credo do cristianismo ocidental, o Credo Apostólico, estabelece que Jesus Cristo “ressuscitou da morte, ascendeu ao Céu, está assentado à destra de Deus o Pai todo-poderoso, de onde virá para julgar vivos e mortos”.¹

Todos os teólogos ortodoxos concordam com essa doutrina. Segundo afirma um erudito evangélico, “ela é a base da esperança cristã, o único evento que marcará o início da consumação do plano de Deus”.² Essa elevada avaliação do segundo advento ou parousia de Cristo é justificada à luz das inspiradas declarações de Paulo: “Porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-O dentre os mortos” (Atos 17:31).

“Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos Céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (I Tess. 4:16 e 17).

“E a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do Céu Se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do Seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus” (II Tess. 1:7 e 8).

Essas breves afirmações do apóstolo Paulo têm como objetivo reassegurar aos novos crentes a certeza da promessa original de Cristo: “Voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, estejais vós também” (João 14:3). “Porque o Filho do homem há de vir na glória de Seu Pai, com os Seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras” (Mat. 16:27). O Senhor ainda colocou Seu retorno no contexto do terrível grande Dia de Jeová, quando identificou Sua parousia com a vinda do Deus de Israel: “Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; todos os povos da Terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória. E Ele enviará os Seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os Seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mat. 24:30 e 31; cf. Isa. 27:12 e 13; 43:5-7; 56:8).

O retorno de Cristo é o tema central do livro do Apocalipse (Apoc. 1:7), que pinta repetidamente esse acontecimento como o clímax de uma série de futuros eventos (Apoc. 6:12-17; 14:14-20; 19:11-21). Essa resenha parcial revela o segundo advento de Cristo como assunto essencial do Novo Testamento.

O fundamento da parousia

Sem o glorioso retorno de Cristo, Sua promessa de renovar todas as coisas (Mat. 19:28) seria desmoronada. Mais que isso, o propósito da primeira vinda de Jesus estaria seriamente comprometido, se não totalmente perdido. Com uma força compelente, Paulo argumenta a inquebrantável

unidade da salvação presente e futura dos crentes em Cristo: "E, se não há ressurreição de mortos, então, Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé; ... E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permanecéis nos vossos pecados. E ainda mais: os que dormiram em Cristo pereceram. Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens" (I Cor. 15:13, 14, 17-19).

O apóstolo Paulo categoricamente baseou a certeza de nossa esperança na vida eterna, isto é, da ressurreição dos mortos, na ressurreição corporal de Cristo. Paulo não tinha dúvidas a respeito da realidade histórica desse acontecimento. O Senhor ressuscitado tinha-lhe falado claramente na estrada de Damasco, chamando-lhe para ser um apóstolo e testemunha (Atos 26:15-18), uma experiência com inaudito significado para o zeloso fariseu. Ele considerou a ressurreição de Jesus dentre os mortos como o início da prometida ressurreição dos santos, profetizada pelos profetas de Israel (Jô 19:25-27; Isa. 26:19; Dan. 12:2).

F. F. Bruce escreveu: "Desde que Deus ressuscitou Jesus dos mortos, Ele pode ressuscitar todos os Seus filhos no devido tempo – mais especificamente, na parousia de Cristo, Seu advento em glória."³ Paulo ilustrou essa conexão espiritual referindo-se ao Cristo ressurreto como "as primícias dos que dormem" (I Cor. 15:20). Essa imagem lembrava a celebração na qual os primeiros grãos da colheita eram oferecidos a Deus e o significado disso: quando as primícias eram ofertadas ao Senhor toda a colheita era santa. Paulo explica: "Se for santa a raiz, também os ramos o serão" (Rom. 11:16). Em outras palavras, a ressurreição de Cristo garante a futura ressurreição de todos os que pertencem a Ele (I Cor. 15:23).

Posteriormente, Paulo colocou o significado da primeira vinda de Jesus na mais abrangente estrutura da história da salvação, ao declarar: "Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo" (I Cor. 15:22). Aqui Cristo é revelado como o segundo Adão. O novo Pai da raça humana; que tem determinado o futuro da humanidade muito mais do que o fez Adão, exatamente como a vida eterna é muito mais que a morte (Rom. 5:14 e 15). Em Cristo, nós podemos nos regozijar na esperança da glória de Deus (Rom. 5:2), porque Cristo ressuscitou "dentre os mortos" e "a morte já não tem domínio sobre Ele" (Rom. 6:9).

A ressurreição de Cristo é muito claramente o fundamento indispensável à fé e à esperança cristãs.

Reafirmações do Senhor ressurreto

O evangelho não está baseado simplesmente na sepultura vazia de Jesus, mas também nas surpreendentes aparições do Senhor ressuscitado aos Seus discípulos (João 20; I Cor. 15:5-8) e na Sua dádiva do Espírito de Deus sobre eles (Atos 2:1-4). Pedro, no dia de Pentecoste, baseou sua emocionante mensagem aos israelitas na ressurreição e na ascensão de Cristo ao Céu. O ponto fundamental de sua exposição foi explicar o significado do derramamento visível do Espírito de Deus aos judeus cristãos, num progressivo desenvolvimento do plano divino de salvação (Atos 2:32 e 33).

A fé cristã na segunda vinda de Jesus está baseada em fatos e realidades inegáveis da Sua vida.

Pedro anunciou que o derramamento do Espírito Santo, tal como profetizado por Joel (2:28), tornara-se então uma realidade presente por causa da ressurreição, ascensão e exaltação de Jesus como o Senhor e Messias no Céu (Atos 2:36). Seu cumprimento não era imaginário ou desprovido de evidência; o Espírito de profecia foi notavelmente restaurado em Israel como o sinal da era messiânica, uma realidade tão irresistível e convincente que cerca de três mil judeus foram batizados num só dia (Atos 2:41).

Hendrikus Berkhof explica: "Foi somente devido às aparições do Jesus ressurreto que o desespero deu lugar a uma nova, incomum e inabalável fé. Portanto, a ressurreição pode ser considerada o even-

to redentivo decisivo... a fé cristã ergue-se ou cai com a ressurreição."⁴

Em suma, a fé cristã em geral, e a fé cristã na parousia em particular, não é baseada em alguma ideologia ou filosofia moral, mas sobre fatos históricos inegáveis e poderosas realidades demonstrados em Cristo. Depois do Pentecoste, a fé de Pedro permaneceu orientada para a vinda pessoal de Jesus Cristo: "Ao qual é necessário que o Céu receba até aos tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos Seus santos profetas desde a antiguidade" (Atos 3:21). A promessa dos anjos durante a ascensão de Jesus confirmou a esperança cristã: "Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao Céu virá do modo como O vistes subir" (Atos 1:11).

Aqui não está predito nenhum advento invisível, espiritual ou secreto, mas o retorno visível e pessoal do Senhor Jesus Cristo.

Esperança dos primeiros cristãos

Por ocasião da última Ceia, Jesus fez uma solene promessa: "E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de Meu Pai" (Mat. 26:29). A conexão que Jesus faz aqui entre a Ceia do Senhor e o banquete messiânico vindouro, faz de cada serviço de comunhão uma antecipação da segunda vinda. Paulo reconheceu esse aspecto futurístico da Ceia do Senhor, quando escreveu a seguinte instrução: "Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha" (I Cor. 11:26). Essa preciosa ligação da Santa Ceia com a promessa do retorno de Cristo é freqüentemente perdida de vista pela ênfase unilateral dada, no momento de sua celebração, ao Seu sacrifício expiatório.

Paulo concluiu sua carta aos coríntios com uma antiga oração aramaica, a qual, segundo eruditos do Novo Testamento, era uma saudação entre os primeiros cristãos: "Maranata!", significando "o Senhor vem!". Oscar Cullmann comenta: "Sabemos que todo o culto no cristianismo primitivo era considerado uma antecipação do reino de Deus... Essa conexão entre realidade presente e o futuro... representa o caráter peculiar e a grandeza da adoração na Igreja primitiva."⁵

Tal atitude futurística do culto cristão original está evidente nas cartas apostólicas. Em sua primeira epístola aos cristãos de Tessalônica (50 a.D.) Paulo registrou:

“deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro, e para aguardardes dos Céus o Seu Filho, a quem Ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura” (I Tess. 1:9 e 10). Ao final do primeiro século, depois do Pentecoste, João concluiu o livro do Apocalipse com esta segurança pessoal a respeito do Senhor ressurreto: “Aquele que dá testemunho destas coisas diz: ‘Certamente, venho sem demora.’” Ao que o apóstolo responde imediatamente: “Amém. Vem, Senhor Jesus!” (Apoc. 22:20). A esperança do advento era uma esperança viva que determinou a fé e o culto da Igreja primitiva.

Poder santificador

Os apóstolos não ensinaram a segunda vinda como um dogma isolado mas como uma verdade vital que modelava a vida dos crentes. A esperança na parousia devia ser pessoalmente alimentada como um poder santificador que deveria prepará-los em confiança para o advento de Cristo. Paulo deixou claro que essa santificação, tanto quanto a justificação, era um pré-requisito e uma garantia de glorificação, quando escreveu de maneira sucinta: “Cristo em vós, a esperança da glória” (Col. 1:27).

Essa frase indica novamente uma ligação entre a salvação presente e futura. Em Cristo, há essencialmente uma única salvação, compreendida em duas fases: presente e futura. O futuro está assegurado pela redenção presente através da mesma fé em Cristo. Paulo explicou essa garantia de uma forma simplesmente magistral: “Se habita em vós o Espírito dAquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do Seu Espírito, que em vós habita” (Rom. 8:11). Quanta segurança existe, ancorada numa fé viva e real experiência com Cristo!

O cristão pode já aqui nesta vida desfrutar “os poderes do mundo vindouro” (Heb. 6:5). Como Bruce afirma, “interiormente eles já experimentavam um antegozo da ressurreição futura, da vida eterna, porque estavam unidos pela fé ao Cristo ressurreto, neles incorporado.”⁶ Isso torna todos os crentes cristãos cidadãos do Céu, de onde ansiosamente aguardam o aparecimento do seu Senhor (Fil. 3:20 e 21; Tito 2:13). Essa bendita esperança transforma o comportamento dos crentes aqui e agora.

Quando João percebeu a maneira co-

mo uma nova filosofia grega, chamada docetismo, começou a infiltrar-se na Igreja e minar o cristianismo prático, ele imediatamente advertiu suas igrejas na Ásia Menor a permanecer “nEle, para que, quando Ele Se manifestar, tenhamos confiança e dEle não nos afastemos envergonhados na Sua vinda” (I João 2:28). Em seguida, apontou a obrigação moral para os crentes: “E a si mesmo se purifica todo o que nEle tem esta esperança, assim como Ele é puro” (I João 3:3). A esperança da volta de Jesus claramente requer uma vida centralizada nEle, uma vida espiritual crescente.

Pedro é conhecido como “o apóstolo da esperança”, porque ele enfatizava que Deus “nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imar-

Para os apóstolos,
o segundo
advento é uma
verdade que
modela a vida
dos crentes.

cescível, reservada nos Céus para vós outros, que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo” (I Ped. 1:3-5).

Entretanto, ele salientou as qualidades cristãs específicas que são essenciais para a entrada no reino eterno de Cristo: bondade, sabedoria, domínio próprio, perseverança, piedade, fraternidade, generosidade e amor (II Ped. 2:5-11). Seu apelo foi o seguinte: “Visto que todas essas coisas não de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e

os elementos abrasados se derreterão” (II Ped. 3:11 e 12). A impaciente expectativa da segunda vinda foi e ainda é uma urgente motivação para permanecermos em Cristo e nos tornarmos mais semelhantes a Ele.

Visão panorâmica

A maneira como o próprio Jesus descreveu Seu retorno na glória de Deus, em Mat. 24:29-31, e posteriormente foi amplificada por Suas descrições no Apocalipse, revela que a parousia consumará as profecias do Dia de Jeová mencionadas pelos profetas de Israel. Nenhuma passagem nos evangelhos é mais saturada com alusões à linguagem profética de Israel que Mateus 24:29-31. De fato, “em parte alguma do Novo Testamento existe uma cena da parousia composta de seis motivos apocalípticos, como nós encontramos em Mateus 24:29-31”.⁷

Essa é uma teofania envolvendo o Dia do Senhor, o Filho do homem em Daniel 7, os sinais cósmicos, as nuvens dos céus e a reunião dos eleitos. Essa observação dá à descrição que Jesus fez do Seu retorno um significado teológico único. Focaliza todos os sinais apocalípticos sobre a pessoa de Cristo e Sua parousia. Nenhum desses sinais e manifestações foram apresentados como meros símbolos. Todos os povos verão, ouvirão e sentirão as dramáticas manifestações da parousia. “Mover seus leitores em um irresistível sentimento de realidade”⁸ é o significado intencional da escatologia cristocêntrica de Mateus. Sua descrição da parousia em Mat. 24 “desabrocha como uma flor apocalíptica sobre o tronco e os ramos” das profecias de Israel.⁹

O que essa curta revisão mostra é que, longe de ser um mero apêndice de um discurso, ou notas de rodapé de uma crença, a segunda vinda de Jesus, o segundo advento, permanece sendo a grande esperança de todos quantos O aceitam como Senhor e Salvador. ☆

Referências:

- 1 J. H. Leith, *Creeds of the Churches* (Atlanta: John Knox Press, 1977), pág. 24.
- 2 Millard J. Erickson, *Christian Theology* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1985), vol. 3, pág. 1.186.
- 3 F. F. Bruce, *Apostle of the Heart Set Free* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1996), pág. 304.
- 4 H. Berkhof, *Christian Faith* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1979), pág. 307.
- 5 O. Cullmann, *The Christology of the New Testament* (Philadelphia: Westminster, 1963), pág. 211.
- 6 F. F. Bruce, *Op. Cit.*, págs. 304 e 305.
- 7 Ki K. Kim, *The Signs of the Parousia* (Seul, Coreia: Korea Sahmyook University, 1994), vol. 3, pág. 364.
- 8 *Ibidem*, pág. 392.
- 9 *Ibidem*, pág. 393.

A certeza do encontro com Jesus

JOHN FOWLER

*Ed.D., diretor associado
de Educação da Associação Geral
da IASD*



Divulgação

“**C**onsolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras”, escreveu o apóstolo Paulo aos cristãos tessalonicenses (I Tess. 4:18).

Por que era necessário consolar? Com que palavras isso devia ser feito? A igreja de Tessalônica enfrentava alguns sérios problemas emocionais e teológicos. Quando o evangelho alcançou aquelas pessoas, através do trabalho de Paulo, elas receberam a palavra “com alegria do Espírito Santo” (I Tess. 1:6). Sua fé era conhecida em toda parte (I Tess. 1:8) desde que, como lhes escreveu o apóstolo, “deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro, e para aguardardes dos Céus o Seu Filho...” (I Tess. 1:9 e 10).

Entretanto, o tempo tem uma maneira de testar o melhor dos santos, e os crentes de Tessalônica não foram exceção. Afirmções teológicas e realidades emocionais aparentemente surgiram para causar divisão entre eles, abalando a fé dos membros daquela infante igreja. Uma vez eles estiveram convencidos de que Jesus voltaria logo; mas agora estavam contaminados com a realidade do que acontecia ao seu redor. Os santos que haviam esperado “dos Céus, o Seu Filho” estavam morrendo um a um, sem ver o cumprimento da sua última esperança. E as emoções dos crentes estavam esfalçadas.

A morte tem uma incrível capacidade de levantar as mais inquietantes questões, e para a congregação tessalonicense, a urgente pergunta era: O que envolve a segunda vinda de Cristo? É esse um fato real? O apóstolo enfrenta o problema sem

titubear. Diante do trauma da morte, os cristãos não devem entristecer-se “como os demais, que não têm esperança” (I Tess. 4:13), ele diz.

Os homens especulam sobre várias maneiras de enfrentar a morte. Um seguidor de Platão pode ver nela uma libertação do sofrimento e corrupção terrestres e a abertura de um caminho para uma nova vida.¹ Sêneca emitiria um chamado à autodisciplina face à morte, considerando que “a hora decisiva [da morte] é a última do corpo, mas não a última da alma”.² Um hinduísta vê na interminável possibilidade de reencarnação um conforto para a tristeza.³ Paulo pensa diferente. Para ele, a tristeza deve ser colocada na perspectiva da esperança cristã, e essa esperança está ancorada na certeza de que “os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro” (I Tess. 4:16). Nisso reside o conforto cristão.

Mas quando os mortos em Cristo ressuscitarão? A resposta de Paulo é clara: “Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos Céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (I Tess. 4:16 e 17).

Nosso encontro

A segunda vinda de Jesus é o encontro culminante de Deus com os santos de todas as eras. A palavra grega traduzida

como encontro é *apanteesin*. Tem a conotação do retorno de um herói conquistador. O Herói de todos os tempos, o Rei dos reis, o Soberano do Universo está retornando para tomar posse do que Lhe pertence e tomar Seus filhos para que estejam com Ele para sempre, além do alcance e da presença do pecado, do sofrimento e da morte.

O encontro nos ares é a nossa abençoada esperança. A História está marchando em direção a esse acontecimento cósmico, "a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" (Tito 2:13).

As Escrituras não nos deixam em dúvida quanto à certeza desse encontro. Desde o momento em que Adão e Eva cruzaram as fronteiras proibidas, geração após geração do povo de Deus tem fixado os olhos da fé nos céus, alimentando a expectativa de ver descer o Salvador em concretização de sua mais acariciada esperança. Tal expectativa não é "uma simples hipótese, um postulado, ou a projeção de suposições humanas. Ela é e permanecerá sendo uma resposta fundamentada na Palavra e nas seguras promessas de Deus. 'Nós, porém, segundo a Sua promessa, esperamos novos céus e nova Terra, nos quais habita justiça (II Ped. 3:13)'"⁴

O testemunho bíblico

Enoque, o sétimo depois de Adão, falou desse encontro (Judas 14 e 15). Jó viu a redenção final: "Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim Se levantará sobre a Terra" (Jó 19:25). Isaías predisse um dia de vitória para o povo de Deus, quando Ele "trará a morte para sempre, e, assim, enxugará o Senhor Deus as lágrimas de todos os rostos, e tirará de toda a Terra o opróbrio do Seu povo, porque o Senhor falou" Naquele dia se dirá: "Eis que este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e Ele nos salvará; este é o Senhor, a quem aguardávamos: na Sua salvação exultaremos e nos alegraremos." (Isa. 25:8 e 9).

Miquéias viu o estabelecimento do monte santo de Deus para sempre (Miq. 4:1 e 2). Zacarias via a segunda vinda de Cristo na perspectiva da soberania de Deus (Zac. 14:9). Sofonias focalizou sobre a vinda do Dia do Senhor, o qual trará juízo sobre o mal e a redenção final do remanescente de Deus para habitar em segurança (Sof. 2; 3:9-20). Daniel viu na imagem multimetálica de Nabucodonosor a marcha da História em direção ao seu clímax na segunda vinda de Jesus – a pedra que esmiuçou todos os sistemas gover-

namentais humanos, abrindo o caminho para o estabelecimento do eterno reino de Deus (Dan. 2:34, 35, 44 e 45).

Para os discípulos, o retorno de Jesus não era uma fábula "engenhosamente inventada" (II Ped. 1:16). Eles foram testemunhas oculares da vida de Cristo.

Jesus profetizou muitos eventos enquanto esteve na Terra. Ele predisse que seria traído por Seus discípulos (Mat. 26:21) e negado por um outro (v. 34). Falou da dispersão dos Seus seguidores (João 16:32). Anunciou que iria ressuscitar no terceiro dia após Sua morte na cruz (João 2:19-22). Também predisse o derramamento do Espírito Santo e o poderoso testemunho da igreja primitiva (João 16:7-15). Revelou o plano do Céu para construir a *ekklesia* (Mat. 16:18). Profetizou a destruição do templo e a desolação de Jerusalém (Mar. 13:2; Luc. 19:41-44). E também disse que voltaria.

Apenas uma dessas predições ainda não foi cumprida, ou seja, o Seu retorno. Tudo aconteceu exatamente conforme Ele predisse. Os discípulos não apenas foram testemunhas oculares da vida de Cristo, mas também do cumprimento de Suas profecias. Mesmo quando os discípulos contemplavam desalentados a cena do seu ressurreto Senhor ascendendo aos Céus, depois de haver cumprido a missão redentiva do Pai ao morrer na cruz, receberam a segurança de que Ele voltaria. Naquela ocasião, dois anjos se colocaram ao lado deles e disseram: "Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao Céu virá do modo como O vistes subir." (Atos 1:11).

Esse mesmo Jesus que nasceu em Belém quando César governava o Império Romano (Luc. 2:1). Esse mesmo Jesus que disse ter vindo fazer os negócios do Seu Pai (v. 49). O mesmo Jesus que andou pela Galiléia, pregando o reino de Deus (Mas. 1:14). O mesmo Jesus que, durante o governo de Pilatos, foi crucificado fora de Jerusalém e ressuscitou três dias depois. O mesmo Jesus cuja missão representa a invasão de Deus na História, no tempo e no espaço (Gál. 4:4), a fim de expiar o pecado de homens e mulheres e abrir-lhes o caminho de volta para Deus, como filhos redimidos. Esse Jesus voltará da mesma maneira como ascendeu aos Céus: visível, audível e pessoalmente.

Não surpreende, então, que os discípulos não tenham alimentado dúvidas quanto ao retorno de Jesus. Não admira que a última promessa do Cristo ressurreto te-

nhá sido: "Certamente venho sem demora." Não é sem significado que a Bíblia ofereça a cada cristão a prece culminante: "Amém. Vem, Senhor Jesus!" (Apoc. 22:20).

Assim, desde o seu mais remoto começo, a Igreja cristã olhava a segunda vinda de Cristo como o evento que completaria a sua redenção (Heb. 9:27 e 28), provaria sua paciência (Tiago 5:7 e 8), garantiria o julgamento (II Tim. 4:1), encorajaria a busca da semelhança com Cristo pelos crentes (I João 2:28; 3:2), levaria à ressurreição e trasladação dos santos (I Tess. 4:16 e 17), possibilitaria um encontro dos remidos de todos os tempos (I Cor. 15:51-58), confirmaria a recompensa da comunidade da fé (I Tess. 4:16 e 17), levaria à conflagração cósmica e transformaria os destroços do tempo numa eternidade de alegria triunfante (II Ped. 3:10-13; Isa. 65:17 e 18), inauguraria o reino milenar no Céu (Apoc. 20:1-6) e introduziria o reino de Deus (Apoc. 11:15; 12:10).

Esse venturoso evento subjacente à esperança, à fé e ao destino cristão, não é um "pastelão no céu daqui a pouco", como Karl Marx costumava ridicularizar o ideal cristão para o futuro. Nem é a segunda vinda uma visão otimista da História que afirma a presença espiritual de Cristo na Igreja e garante uma realização gradual do reino de Deus, como ensina a teologia liberal. O testemunho bíblico nega qualquer sugestão que rejeita o retorno visível de Cristo, bem como qualquer argumento que tente igualar o segundo advento do Senhor a uma gradual melhora da sociedade.

O ensinamento bíblico sobre escatologia, confirmando o retorno pessoal de Jesus, não é um mito que requer uma demitologização, muito menos é a necessidade de adotar uma atitude que diz: "vamos tomar a Bíblia seriamente, mas não literalmente."⁵ Não; em face da esmagadora evidência escriturística de um visível, pessoal e literal retorno de Cristo, como poderíamos tomar a Bíblia seriamente sem aceitar literalmente a sua maior antecipação? Como Denney muito claramente assegura, não podemos "questionar o que permanece tão cristalino nas páginas do Novo Testamento, o que encheu de modo tão exclusivo a mente dos primeiros cristãos – a idéia de um retorno pessoal de Cristo e o fim do mundo ... se nós mantemos qualquer relação com a totalidade do Novo Testamento, devemos defender a volta pessoal de Jesus como Juiz de todos".⁶

Os dois adventos

A promessa de Cristo, "voltarei" (João 14:3), estabelece resolutamente a segunda vinda como sendo diferente da primeira vinda. O livro de Hebreus sublinha claramente tal distinção: "Assim também Cristo, tendo-Se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O aguardam para a salvação." (Heb. 9:28). Aquele que virá a segunda vez é o mesmo que já veio anteriormente. A missão do primeiro advento foi cumprida na cruz. Através da Sua morte, Jesus levou os pecados do mundo e Deus reconciliou o mundo consigo mesmo (II Cor. 5:19). A missão da segunda vinda não é expiar pecados, mas reunir no eterno reino de Deus aqueles que ansiosamente O aguardam.

No discurso proferido no Monte das Oliveiras (Mat. 24; Mar. 13 e Luc. 21) nosso Senhor fala especificamente da segunda vinda em termos de uma reunião universal dos Seus discípulos "dos quatro ventos, da extremidade da Terra" (Mar. 13:27), no reino de Deus. É o tempo da colheita (Mar. 4:29; Apoc. 14:15). Sua vinda será precedida por vários sinais incluindo a proclamação mundial do evangelho (Mat. 24:14). Exatamente antes de Sua vinda, haverá uma grande tribulação (Mat. 24:15 e 16) e condições de apatia e deterioração espiritual (Mat. 25:37-39; Luc. 17:28-30).

Esses e outros sinais não foram dados para se estabelecer a data quando Cristo virá, mas para conservar o povo de Deus em constante estado de preparação. O dia da Sua vinda só é conhecido pelo Pai, não por qualquer outra pessoa, nem mesmo o Filho (Mar. 13:32, 33 e 35). Vigilância e preparo são a perene resposta dos cristãos à promessa da parousia.

A realidade da vinda de Cristo, literal, gloriosa, repentina e universalmente visível, é incontestável (Mat. 24:27-31; Atos 1:11; Apoc. 1:7). Mas o tempo em que isso ocorrerá não foi revelado e está escondido na mente de Deus (Mat. 24:36 e 42). O fato de não ser conhecido o dia do evento não anula a veracidade de sua ocorrência. Ele apenas desafia os cristãos a se tornarem cidadãos vigilantes do reino da graça, agora, e cidadãos esperançosos do reino da glória porvir.

Uma compreensão do reino de Deus torna mais evidentes essa distinção e o íntimo relacionamento entre a primeira e a segunda vinda. Cristo veio pregando o reino de Deus (Mar. 1:15) e anunciou

que "o reino de Deus está dentro em vós" (Luc. 17:21). Também ensinou os discípulos a orar dizendo "venha o Teu reino" (Mat. 6:10). Através dos evangelhos, nos deparamos com o ensinamento de Jesus no sentido de que o reino de Deus já está aqui (Luc. 7:21; Mat. 22:28; 11:12 e 13; 4:23; 9:35; 13:11), e todavia não está aqui (Mat. 6:10; 8:11; 19:29; 24; Mar. 13; Luc. 24) – uma realidade presente e um panorama futuro; uma experiência bem como uma esperança. Há quem ache confusas tais declarações sobre o reino de Deus, mas "a mensagem de Jesus é que em Sua própria pessoa e missão Deus invadiu a História humana e triunfou sobre o mal, embora a libertação final somente ocorrerá no fim dos tempos".⁷

O "já" estabelece a finalidade do reino. Cristo o tem introduzido na História. "O reino da graça de Deus está sendo agora estabelecido, enquanto dia a dia os corações que têm estado sobrecarregados de pecado e rebelião se rendem à soberania de Seu amor."⁸ O "ainda não" assegura a eliminação física do mal e o estabelecimento da nova Terra. "O completo estabelecimento do reino de Sua glória, porém, não ocorrerá senão na segunda vinda de Cristo ao mundo."⁹ Um fato garante o outro, e ambos se equilibram mutuamente.

Pedro estava seguro do escatológico "reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (II Ped. 1:11), porque também estava certo da obra salvadora de Cristo: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a Sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos Céus para vós outros que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para salvação preparada para revelar-se no último tempo" (I Ped. 1:3-5).

A cruz assegurou a vitória decisiva sobre o mal. Foi através da cruz e da ressurreição que a guerra foi vencida. "Isso significa que a esperança para o futuro é apoiada pela fé no passado, fé na batalha decisiva já concluída. O que já aconteceu oferece sólida garantia para o que ocorrerá. A esperança na vitória final é tanto mais vívida por causa da inabalável convicção de que a batalha que decide a vitória já ocorreu."¹⁰ A guerra pode continuar, o clamor por liberdade (Rom. 8:21) pode ainda ser ouvido, e a esperança ainda

aguardar sua concretização na "manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" (Tito 2:13), mas não pode haver dúvida de que o fim da guerra, a libertação final e o venturoso cumprimento da esperança estão assegurados pela decisiva vitória da cruz.

Preparo

É nosso privilégio alimentar uma confiante antecipação do nosso encontro com Deus, quando Jesus voltar, consumando assim a jornada para o reino, iniciada quando aceitamos as boas-novas da cruz. É o Homem da cruz que está retornando como o Senhor da glória. O mesmo Jesus que derrotou o pecado e Satanás no Calvário descerá em breve nas nuvens do céu para eliminar para sempre o pecado, a morte e Satanás da face do Universo.

À luz de nosso encontro, é crucial seguir o conselho de Paulo: "Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz. Andemos dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes..." (Rom. 13:12 e 13). Podemos viver em meio às trevas, mas através dos olhos da fé devemos contemplar a alvorada vindoura, e viver de modo que não sejamos tomados de surpresa.

A expectativa da segunda vinda deve manter-nos despertos e sóbrios (I Tess. 5:6), e induzir-nos a uma experiência de auto-exame, a fim de que nos tornemos "tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus" (II Ped. 3:11 e 12). Isso é o que realmente importa no fim. Enquanto esperamos, devemos viver de maneira responsável e amorosa, refletindo de boa vontade o caráter e missão do Senhor vindouro.

O encontro do Senhor nos ares não está longe. ☆

Referências:

- 1 Jacques Choron, *Death and Western Thought* (Nova York: Collier Books, 1963), págs. 47-52.
- 2 *Ibidem*, pág. 70.
- 3 *The Song of God: Bhagavad-Gita* (Nova York: The New American Library, 1964), págs. 36-38.
- 4 G. C. Berkouwer, *The Return of Christ* (Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1972), pág. 10.
- 5 Reinhold Niebuhr, *The Nature and Destiny of Man* (Nova York: Scribner, 1943), vol. 2, pág. 50.
- 6 James Denney, *Studies in Theology* (Grand Rapids: Baker Book House, 1976) pág. 239.
- 7 George E. Ladd, *A Theology of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), págs. 67 e 68.
- 8 Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 108.
- 9 *Ibidem*.
- 10 *Ibidem*, págs. 86 e 87.

O tempo de angústia

CALVIN THOMSEN

D.Min., pastor da igreja adventista em Azure Hills, Califórnia, Estados Unidos



Divulgação

Considerando as várias apresentações a respeito do tempo de angústia que precede a segunda vinda de Cristo, não surpreende que muitas pessoas fiquem apavoradas diante do assunto. Lembro-me do grande impacto que tais ensinamentos causavam em mim, quando eu era criança, produzindo terríveis imagens de tortura em minha mente infantil. Eu sei que a Bíblia compara as convulsões dos últimos dias às dores de parto. Mas, se tivéssemos escolha, acho que poderíamos optar por algum tipo de anestesia cósmica – um parto sem dor.

Que diz a Bíblia

A frase específica “tempo de angústia” aparece somente no livro de Daniel, que prediz um “tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo...” (Dan. 12:1). Mateus 24 refere-se a guerras, terremotos, fome, convulsões naturais e outras crises durante o tempo do fim. Jesus falou aos discípulos que eles passariam por tribulações, seriam odiados e até mortos (Mat. 24:9). Ele também mencionou “o abominável da desolação” (v. 15), uma entidade que os comentaristas bíblicos vêem como o anticristo perseguidor. Numa linguagem paralela a Daniel 12, Cristo profetiza “grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, e nem haverá jamais” (v. 21). Esses distúrbios são comparados a dores de parto (v. 8).

Algumas das mais vívidas representações das últimas aflições terrestres aparecem no Apocalipse de João: imagens de perseguições, o feroz poder de uma besta que trama a morte daqueles que se recu-

sam adorá-la, taça da ira divina sendo deramada e conflitos sangrentos que precedem o grande Dia do Senhor. Enquanto as trombetas soam, os ventos são soltos, pragas caem sobre a Terra e as forças do mal são arrematadas contra os santos que clamam: “Até quando, ó Senhor?”

Outros escritores bíblicos também se referem ao grande trauma antes da restauração final de todas as coisas. Jeremias, tal como Mateus, usa a linguagem do parto para descrever a angústia do povo de Deus antes da reconciliação final. Depois de descrever um homem em agonia, o profeta exclama: “Ah! Que grande é aquele dia, e não há outro semelhante! É tempo de angústia para Jacó; ele, porém, será livre dela.” (Jer. 30:7). Embora o contexto imediato seja o da volta do cativo babilônico, muitos eruditos vêem uma aplicação mais ampla ao conflito antes do grande ajuntamento na era messiânica e também ao tempo de angústia precedente à segunda vinda de Jesus.

O ensinamento bíblico a respeito do tempo de angústia, ou grande tribulação, segue um molde mais amplo que emerge por toda a descrição da história da salvação. O nascimento de uma nova ou renovada ordem sempre é precedido por um período de trauma e caos. Esse período convulsivo e caótico pode ser visto tanto no julgamento divino daqueles que rejeitam a Deus como na libertação dos Seus fiéis. Embora as multidões o rejeitem, um remanescente fiel que segue a Deus, de modo incondicional, finalmente será salvo.

A história da criação provê uma linguagem que revela essa transição cósmica. A

narrativa do Dilúvio, a jornada de Abraão e o Êxodo são bons exemplos. A tribulação final é vista como seguindo esses modelos introduzidos nas Escrituras. Em geral, a transição inclui trevas de um mundo rebelde, sopro de ventos, secamento de águas, tentação ilusória, sofrimento, pragas e julgamento divino, a fidelidade de um remanescente e a libertação do povo de Deus, nascimento de novos céus e nova Terra.¹

Por que a angústia?

A repetição desse ciclo através da história da salvação levanta uma questão lógica. Por que não pular o trauma e ir diretamente à liberdade?

Eu posso aventurar uma resposta ao notar a natureza do engano conhecido como pecado. Esse ciclo foi posto em movimento por alguém que é descrito como "mentiroso e pai da mentira" (João 8:44). Desde o início, a raiz podre do pecado está envolvida pela sedutora promessa que não passa de uma reluzente desilusão. O pecado, rebelião contra Deus e independência d'Ele, é apresentado como uma alternativa gratificante e avançada de vida. Deus é apresentado como um Ser negativo e desleal que pode controlar Suas criaturas apenas com ameaça de morte (Gên 3:1-5) ou suborno (Jó 1:1-12).

Através da história humana Deus tem-se revelado em contraste às mentirosas acusações. Dramaticamente Ele divide o Mar Vermelho e conduz Israel em segurança. Faz alianças entre trovões e relâmpagos no Monte Sinai, tira água da rocha e envia o maná do céu, em benefício do Seu povo. Fala através da sucessão de profetas. E no maior ato de auto-revelação, Ele envia o próprio Filho. Com as mãos perfuradas, estendido na cruz, Ele demonstra a profundidade e intensidade do amor de Deus e Seu desejo de salvar Seus filhos. Um sepulcro vazio certifica de Seu poder sobre a morte e todo dilema humano.

Aparentemente, qualquer uma dentre essas demonstrações, especialmente a cruz, poderia ser bastante para destruir a ilusão da mentira original de Satanás. A existência de Deus, o caráter de Deus, o amor de Deus e as conseqüências do pecado estão gravados na História pelos Seus atos. Infelizmente, o deslumbrante e ilusório poder do pecado ocasionalmente oscila e ofusca o entendimento de algumas pessoas que, esquecendo as manifestações divinas, usam as manifestações pecaminosas como evidências contra Deus.

Mas há algo diferente em relação à tempestuosa série de eventos finais. Embora a história terrestre tenha sido pontuada com episódios de horror, Deus tem pacientemente limitado o impacto do poder destrutivo do pecado. Mas no final dos tempos, uma vez por todas, Deus deve tirar a restrição e expor a realidade escura da rebelião cósmica.

Embora a suspensão das restrições seja um ato de julgamento e revelação divina, assim como todas as manifestações da "ira de Deus", há um componente de "abandono" (Rom. 1:8, 24, 26 e 28), de modo que os princípios do inimigo de Deus e a obra destruidora do pecado sejam revelados. "Satanás mergulhará então os habitantes da Terra em

O tempo de angústia será mais significativo porque a presença de Deus se tornará especialmente real e venturosa para o Seu povo.

uma grande angústia final. Ao cessarem os anjos de Deus de conter os ventos impetuosos das paixões humanas, ficarão às soltas todos os elementos de contenda."²

Antes que isso aconteça todo indivíduo terá feito uma decisão sobre a quem prestará adoração. Multidões oferecerão obediência à criatura humana, enquanto um remanescente adorará o Deus Criador. Em meio à polarização do mundo, uma iluminação emerge. Os princípios sedutores que têm magnetizado a maioria dos habitantes do mundo serão revelados como um engano tenebroso e destrutivo. A confiabilidade de Deus será vindicada. E o ciclo termina. O mundo caído será finalmente restaurado. A velha ordem passará para nunca retornar.

Esperança e segurança

O desfecho desse tempo pode ser positivo, mas a maioria das pessoas ainda nutre temor a ser respeitado. Posso adiantar que ele pode ser, na verdade, o mais significativo período na história de um indivíduo. Digo isso, não por causa do pensamento, por mais verdadeiro que seja, de que no futuro todo o mal finalmente será transformado. Nem por causa da certeza de que pão e água serão supridos aos fiéis (Isa. 33:16), ou em virtude de que anjos guardiães nos protegerão das ameaças que poderão nos extinguir num instante. A glória real desse tempo reside na paradoxal verdade que a presença de Deus se tornará especialmente real e, ousado dizer, especialmente venturosa para nós durante o seu decorrer.

Enumero algumas razões pelas quais penso dessa maneira:

Primeira, é importante notar o surpreendente e esperançoso fio que perpassa as passagens bíblicas profetizando as convulsões dos últimos dias. Nenhuma dessas passagens parece particularmente preocupada com tribulações. Ao contrário, a ênfase é na liberdade e no triunfo. Embora Daniel profetize um grande tempo de prova, no contexto da própria tribulação, como ele a descreve, ela é posta um pouco de lado. O desenho de Daniel é emoldurado com afirmações de esperança e libertação. Os santos do Altíssimo são apresentados não como esmagados pelo sofrimento, mas são vistos em sua alegria, libertos, resplandecendo "como o fulgor do firmamento", brilhando "como as estrelas sempre e eternamente" (Dan. 12:3).

Jesus profetizou uma variedade de dores de parto no discurso do Olivete. Mas, Ele interrompeu Sua descrição de "guerras e rumores de guerras" ao dizer: "não vos assusteis" (Mat. 24:6). Também prometeu que "por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados" (v. 22). O sinal mais significativo da Sua vinda não são as tribulações, mas a pregação do evangelho a todo o mundo (v. 14). E a comparação com os dias de Noé, quando o povo foi apinhado em meio aos prazeres e prosperidade material, sugere que o sinal generalizado do fim da história terrestre é a prosperidade enganosa, não simplesmente infundável tribulação.

O Apocalipse, livro que apresenta a mais espantosa imagem das convulsões finais da Terra, irrompe em cânticos e louvores. A mais significativa visão não é de bestas, pragas ou derramamento de sangue, mas de santos cantando e louvando o Cordeiro.

Segunda razão, eu penso que as promessas de Deus para nós se cumprirão de uma maneira que a maioria de nós nunca imaginou. Uma passagem chave, expositora desse tema é encontrada em Romanos 8. Em face das tribulações, angústias e perseguições, “somos mais que vencedores, por meio d’Aquele que nos amou” (v. 37). Não existe absolutamente nada, “nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura” que possa “separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (v. 39). Podemos ainda agarrar-nos ao conselho de Cristo: “No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; Eu venci o mundo” (João 16:33).

Alguns dos Salmos, originalmente expressões vitais de fé em face de experiências tais como as lutas de Davi diante de Saul, podem se tornar mais brilhantes, aplicados às tribulações finais do povo de Deus. O Salmo 27:5, por exemplo, afirma que “no dia da adversidade, Ele me ocultará no Seu pavilhão”. Igual segurança também é encontrada no Salmo 32: “Tu és o meu esconderijo; Tu me preservas da tribulação e me cercas de alegres cantos de livramento.” (v. 7) O Salmo 59:16 descreve Deus como nosso “alto refúgio e proteção no dia da minha angústia”.

O mesmo pensamento é expresso no Salmo 138:7, onde Davi afirma: “Se ando em meio à tribulação, tu me refazes a vida; estendes a mão contra a ira dos meus inimigos; Tua destra me salva.” O Salmo 91 O apresenta como “meu refúgio e meu baluarte” (v. 2). Nele o salmista garante que Deus “cobrir-te-á com as Suas penas, e sob Suas asas, estarás seguro” (v. 4).

A terceira razão é minha crença em que nós experimentaremos um inédito senso de propósito e vitalidade durante o tempo de angústia. Peça a qualquer pessoa para descrever os momentos da vida nos quais ela se sentiu mais animada, e verá que tais momentos foram precedidos por intensa luta. Geralmente falamos dos tempos de desafios, adversidade, períodos quando fomos exigidos ao máximo. Os veteranos de guerra reúnem-se para contar suas histórias. Atletas falam das longas competições e provas a que são submetidos. Independentemente da área de ação, a preocupação é a mesma. Celebramos mais as vitórias difíceis, não as fáceis.

E quando não estamos no meio do fogo cruzado, aparentemente buscamos significado para crises triviais. Um distraído

motorista que cruza o nosso caminho, um cabelo mal cortado, um aborrecimento doméstico, a interrupção do almoço por um telefonema rude, ou a pane na bateria do carro, tudo isso pode parecer dominante na vida.

Mas, virá o dia quando, repentinamente, em face das convulsões finais da Terra, esses pequenos aborrecimentos se tornarão em nada. A vida terá seu verdadeiro foco. Tudo o mais será eclipsado pela grande questão, a verdadeiramente grande questão – a quem seremos fiéis? Quem é digno de nosso louvor? É Jesus o verdadeiro Senhor, ou não? É Ele o senhor de nossa vida? Enquanto durante esse terrível tempo nós experimentamos Seu Senhorio em uma nova e poderosa maneira, quan-

A mais significativa
visão do
Apocalipse não é
de bestas, pragas
ou derramamento
de sangue, mas de
santos louvando
o Cordeiro.

do a chuva serôdia do Espírito Santo embeber-nos, e as perturbações ficarem para trás, experimentaremos uma vida e vitalidade nunca dantes conhecidas.

Quarta, nós experimentaremos uma profunda transformação pessoal durante o tempo de angústia. Os adventistas do sétimo dia têm-se referido à tribulação final do povo de Deus como o tempo da “angústia de Jacó”. Essa é uma referência para uma luta interior, não com bestas e poderes externos do mal, mas com nós mesmos. O propósito desse tempo vai além do desmascaramento de Babilônia e nos confronta com as maneiras pelas quais ela tem fincado raízes em nosso coração.

A noite de luta de Jacó é uma apropriada metáfora, porque ali na escuridão ele repentinamente sentiu a mão de um es-

tranho sobre ele. Em temor e desespero, Jacó lutou ao ponto de absoluta exaustão. Por um esperançoso momento, ele adquiriu uma nova dose de energia. O estranho gritou por liberdade antes de o sol raiar e Jacó caiu em excruciante dor. Quando, à luz da alvorada, ele surgiu mancando para o encontro com Esaú, poderia dar a aparência de ter sido rebaixado por sua noite de luta. Mas não se tratava disso; ele estava transformado. O novo nome recebido por ele é um apropriado reconhecimento dessa mudança.

Assim, quando comparamos a luta de Jacó à época através da qual, no fim dos tempos, os filhos leais de Cristo devem caminhar, ele pode bem ser descrito como “a melhor resposta às suas petições”³ por transformação e pureza.

Canto de vitória

Finalmente, nunca devemos perder de vista o fato de que essas tribulações representam o prólogo de algo estupendo. Elas são o prelúdio de um futuro de alegria, além da nossa imaginação. Embora tenhamos visto mães felizes com seus bebês depois do parto, ainda não somos cristãos que já passaram pelo tempo de angústia. Mas João nos dá um vislumbre daqueles que estarão reunidos no mar como que de vidro, cantando o cântico de Moisés e do Cordeiro. Os redimidos, em triunfante coro transbordarão com louvor ao Cordeiro que foi morto (Apoc. 5).

E esse cântico de triunfo pode começar bem antes de nossa chegada ao Céu. Nas palavras do teólogo Walter Wink, “a celebração da vitória divina não começa no final do livro do Apocalipse, depois que a luta passou. Ao contrário, ela acontece ao longo do caminho... Não temos aí peregrinos sisudos e tristonhos subindo um monte de lágrimas, mas cantores alegrando-se na luta porque ela confirma sua liberdade. Mesmo em meio ao conflito, sofrimento ou aprisionamento, repentinamente um hino penetra a melancolia, as hostes celestiais trovejam num poderoso coro, e nosso coração brilha mais claro”.⁴

Enquanto a tribulação se aproxima, vamos começar a cantar. ☆

Referências:

- 1 Jon Paulien, *What the Bible Says About End-Time*, (Hagerstown, Md: Review and Herald Publishing, 1911).
- 2 Ellen G. White, *O Grande Conflito*, (Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira), pág. 614.
- 3 *Ibidem*, pág. 631.
- 4 Walter Wink, *Engaging the Powers*, (Mineápolis, inn: Fortress press, 1992), pág. 321.

Atreva-se a mudar



Divulgação

Vivemos numa época de mudanças rápidas. Os sociólogos diziam, algumas décadas atrás, que a cultura de um povo mudava a cada geração, ou seja, aproximadamente a cada 25 anos. Mas hoje, com o avanço da tecnologia e da chegada da Internet, até o fax, que há pouco tempo parecia uma maravilha, ficou obsoleto.

Em julho passado, por exemplo, por ocasião da assembléia mundial da Igreja, mal o secretário da comissão de nomeações tinha chegado à plataforma para anunciar o nome do novo presidente da Associação Geral da Igreja Adventista, o mundo todo já sabia a notícia. Tal a velocidade das comunicações em nossos dias.

Portanto, a cultura do povo hoje não muda de geração em geração. As mudanças hoje são vertiginosas; e, se queremos acompanhar o ser humano de nossos dias com a missão de levá-lo a Jesus, precisamos “voar” junto com ele.

O grande desafio que o líder cristão enfrenta é o seguinte: devemos mudar junto com a cultura do povo? Onde ficam os princípios? Devem eles ser negociáveis, ou cremos que por serem princípios são um reflexo do caráter divino e, portanto, eternos?

Quando Jesus esteve neste mundo, no início do Seu ministério, reuniu os Seus discípulos e, ao confiar-lhes a comissão evangélica, disse-lhes: “Não vos proveireis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão; porque digno

é o trabalhador do seu alimento.” (Mat. 10:9 e 10). Três anos depois, antes de deixá-los, Jesus tornou a reunir os discípulos e lhes disse: “Quando vos mandei sem bolsa, sem alforje e sem sandálias, faltou-vos porventura, alguma coisa? Nada, disseram eles. Então, lhes disse: Agora, porém, quem tem bolsa, tome-a, como também o alforje; e o que não tem espada, venda a sua capa e compre uma.” (Luc. 22:35 e 36).

Jesus teve a capacidade de mudar Sua estratégia e Seus métodos para o cumprimento da missão, num período de três anos. Uma cultura era uma cultura; e outra cultura deveria ser evangelizada de outro modo.

Quando hoje pregamos o evangelho, a grande pergunta que deveríamos fazer não é a seguinte: “como acho que devo apresentar a mensagem?” mas “como reage a mente do homem de hoje, diante de qualquer mensagem?”

O mundo no qual vivemos está em constante mudança, obrigando-nos a mudar o nosso enfoque, a nossa estratégia, nossos métodos e inclusive nossas ferramentas.

A televisão, por exemplo, tem criado uma mentalidade que gosta de receber tudo digerido. A TV nada mais é do que a mudança de imagens a uma velocidade extraordinária. É isso que dá movimento àquilo a que assistimos.

Quando não havia televisão e só existia jornal escrito ou rádio, o ser humano pelo menos tinha o trabalho de ler ou de imaginar o que sugeria o texto falado. Mas a televisão hoje criou uma geração mentalmente acomodada. Ninguém compra hoje livros volumosos, ou assiste a seminários e programas longos. A mente mudou, e as nossas estratégias para conquistar essas mentes também precisam ser mudadas.

O perigo é achar que essa mudança de-

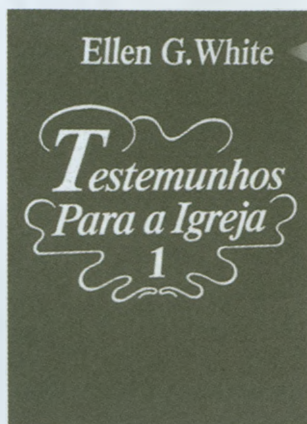
ve abranger princípios. Outro dia, um jovem me perguntou: “Pastor, o senhor não acha que hoje o sexo antes do casamento já é praticado por todo mundo? Que hoje chegar virgem ao casamento é obsoleto e, portanto, a Igreja deve também mudar a sua posição diante desse assunto?” Outro cavalheiro disse-me também que “o ser humano atinge sua maturidade física completa por volta dos 18 aos 22 anos, idade na qual antigamente as pessoas se casavam. Mas hoje, ninguém casa com essa idade; portanto, a igreja deveria repensar a sua posição para não criar problemas para a juventude.”

Você vê? São maneiras de pensar, mas que envolvem um princípio bíblico, claramente exposto na Palavra de Deus.

O inimigo é astuto e pode levar ministros ao “conservadorismo” ou ao “liberalismo”. Alguns, querendo ser leais aos princípios, podem fechar os olhos às mudanças da cultura e ficar em desvantagem na bendita tarefa da evangelização. Outros, querendo “abrir a cabeça” para entender a cultura, podem tentar de alguma forma negociar princípios.

Onde está o ponto de equilíbrio? Como deve agir o pastor do século 21? Como chegar com rapidez ao coração do homem moderno levando a mensagem de salvação? Um dia, Salomão orou ao Senhor: “Teu servo está no meio do Teu povo que elegeste, povo grande, tão numeroso, que se não pode contar. Dá, pois, ao Teu servo coração compreensivo para julgar a Teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal...” (1 Reis 3:8 e 9). E Tiago arremata: “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente...” (Tia. 1:5).

Você e eu precisamos ir a Jesus todos os dias. Precisamos aprender dEle, receber dEle e esconder-nos nEle. Jesus é a nossa única segurança, para não perdermos o rumo. — Alejandro Bullón ☆

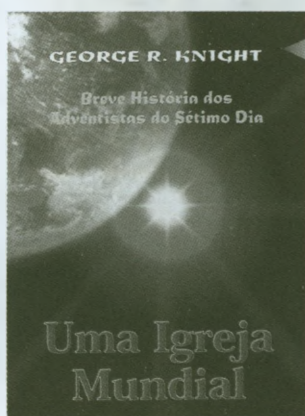


TESTEMUNHOS PARA A IGREJA I – Ellen G. White,

Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, CEP 18270-970 Tatuí, SP; Tel. (0xx15) 250-8888, 762 páginas.

Já está disponível o primeiro dos nove volumes da excelente

obra de Ellen White *Testemunhos Para a Igreja*. Muitos anos se passaram desde que as mensagens contidas nesta coleção foram escritas. Sendo que o conhecimento das circunstâncias e problemas geralmente auxilia na melhor compreensão das mensagens à Igreja, o leitor notará que em cada volume há um breve histórico acerca do espaço de tempo que cada volume abrange. Algumas notas de apêndice também serão de utilidade para o leitor que pode não estar familiarizado com as circunstâncias que exigiram o conselho transmitido. Essas declarações foram preparadas pelos Depositários do Patrimônio Literário White.



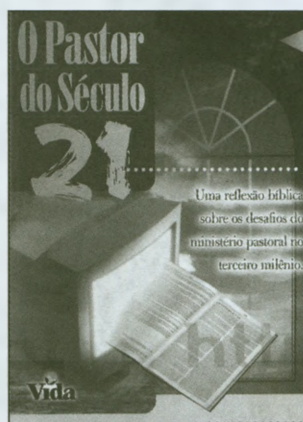
UMA IGREJA MUNDIAL

– George R. Knight, Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, CEP 18270-970 Tatuí, SP; tel. (0xx15) 250-8888, 158 páginas.

22 de outubro de 1844. Chegara o grande dia, anunciado por Guilherme Miller. Uma mul-

tidão de crentes esperou o retorno de Cristo até a meia-noite. E então choraram até o dia amanhecer. Cristo não voltara! Depois desse amargo desapontamento, o movimento se dispersou. Mas para um pequeno grupo isso não foi o fim, mas apenas o come-

ço. *Uma Igreja Mundial* é a fascinante história desses poucos fiéis que não abandonaram a fé e, ao entenderem sua missão, assumiram a responsabilidade de transmitir ao mundo a verdade para este tempo. O historiador George R. Knight conduz seus leitores através das várias fases de desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, desde sua fundação até os dias atuais.



O PASTOR DO SÉCULO

21 – David Fisher, Editora Vida, Rua Júlio de Castilho, 280, CEP 03059-000 São Paulo, SP; Telefax (0xx11) 6096-6833, 334 páginas.

O terceiro milênio será um momento de grandes oportunidades e tremendos desafios para a Igreja. Mais do que nunca, os pastores necessitarão de um modelo para o ministério que possa equipá-los para os rigores de uma cultura em constantes mudanças, cada vez mais secularizada. Em *O Pastor do Século 21*, David Fisher investiga o conceito de ministério do apóstolo Paulo e oferece um paradigma bíblico e relevante para os dias atuais. Explora as metáforas paulinas relacionadas ao ministério a fim de revelar o retrato fiel de um pastor eficiente, bíblico e preparado para enfrentar e vencer os dilemas da sociedade moderna.

As sábias reflexões de Fisher capacitarão os pastores a ministrar com eficácia a um povo profundamente necessitado do evangelho. Diz o autor: “Os pastores que souberem discernir este tempo irão, em nome e no poder de Deus, estabelecer igrejas poderosas onde os valores do evangelho serão abraçados, ensinados e vividos.”

Chegou o CD

Joel Sarli e Henry Feyerabend participaram do primeiro quarteto nacional *Arautos do Rei*. Em 1972 lançaram o LP "Cantores Evangelistas". Neste CD eles relembram lindíssimos hinos tradicionais como *Oh, se Soubesses!*, *Dia a Dia*, *O Eterno Pastor*, *Glória Eterna*, *Sombras* e outros. Ao ouvi-lo você vai concordar que estes, realmente, são duetos inesquecíveis.



**para
você recordar
os lindos hinos que
marcaram
a época
Peça já o seu!**

